



CORAÇÃO e LUME

um filme de Sol Carvalho



Real
O ÁGORA
CINEVIDEO &
MULTIMÉDIA



CORAÇÃO E LUME

História original de
Sol de Carvalho
António Cabrita

-

Argumento de
António Cabrita
Luís Alvarães



1 EXT. SCALA, FACHADA - MADRUGADA

Maputo, na actualidade.

De manhã, muito cedo. A fachada art-deco do velho cinema Scala na baixa de Maputo. Na fachada vêm-se uns cartazes de um Congresso de propaganda médica. As portadas envidraçadas estão fechadas.

A cidade ainda com pouco movimento, algo fantasmagórica.

2 INT./EXT. CARRRO DE NAVARRO, PONTÃO CATEMBE - MADRUGADA

NAVARRO, 65 anos, alto e esguio, de cabelo esbranquiçado revoltado, conduz o seu carro pela marginal.

Curva onde desemboca o cais do ferry para a Catembe, do outro lado da baía, e continua na direcção da extremidade norte. Pára para deixar passar as pessoas que saem do batelão.

Navarro manobra quando ouve um grito de chamamento:

SANTIAGO
Navarro! Ó Navarro...!

Navarro olha na direcção de uma barraca de comes e bebes onde lhe acena um homem, que não identifica de imediato. Ao reconhecê-lo, sorri.

SANTIAGO, 55 anos, branco, de porte físico imponente, continua a acenar-lhe para que ele se aproxime. Navarro estaciona.

3 EXT. MAPUTO, PONTÃO CATEMBE - MADRUGADA

Navarro aproxima-se, a pé, da barraca. Estende os braços para Santiago.

NAVARRO
Santiago..? Puxa! Há quantos anos, pá...

SANTIAGO
Muitos, é melhor nem contar, Navarro. Mas tenho sabido de ti!
Ouvi dizer que vais vender o Scala...

Navarro nada diz. Santiago bebe uma cerveja na companhia de um mulato de idade indefinida, vestido com um insólito poncho peruano e um chapéu de cowboy na cabeça.



SANTIAGO (CONT'D)

Faz-nos companhia, Navarro!...

(apresenta-o ao amigo do poncho)

Este é aquele mano que te falei do cinema!... Foi meu chefe uns bons aninhos, antes de eu virar farmer e deixar Maputo...

(para Navarro)

Vai uma beer?

NAVARRO

Vejo que ainda não acabaste a noite... Eu já não tenho arcaboijo para as noitadas...

SANTIAGO

Isso é comprar insónia!

(para o tipo da barraca)

Dá um "refresco" aqui ao nosso homem...

O empregado limpa uma garrafa de cerveja com um pano e prepara-se para tirar a carga.

Navarro estica uma mão, em negação.

NAVARRO

Deixei de beber... Principalmente de manhã...

SANTIAGO

(imperativo)

Ora essa!

E põe-lhe na mão a garrafa que o barman acaba de abrir.

SANTIAGO (CONT'D)

Logo tu, não me faças a desfeita...

(brindam. Santiago conta:)

Uma vez estávamos em filmagens no mato, em Cabo Delgado, e à noite, depois de uma jantarada bem regada, já todos roncavam e eu às voltas no saco-cama, entra-nos um leão na tenda... Um leão!... E eu a fingir de morto!

NAVARRO

(dá um gole)

Ainda hoje não acredito...

(recordando com um sorriso)

Este gajo acorda-nos todo acagaçado, de espingarda na mão, e não se calava que tinha entrado um leão na tenda! Um leão sem dentes, atenção!... Os sonhos que este cabrão tem, todos no gozo.



SANTIAGO

(repega a história:)

Mas depois vasculhámos o acampamento, e havia pegadas por toda a parte... O leão tinha vindo fazer uma ronda, deu um grande bocejo... e bazou!

NAVARRO

Já ninguém dormiu nessa noite. O director de produção, já cá não está, mijou-se todo de medo... belos tempos.

(pondo a mão no ombro do amigo)

E daí? Tem-te sorrído a vida?...

SANTIAGO

(misterioso)

Depois de ter faltado ao meu próprio enterro naquela noite?...

Navarro sorri enquanto ergue numa saúde a garrafa de cerveja:

NAVARRO

Ao leão desdentado que fez o Santiago faltar ao seu próprio enterro... Também quero faltar ao meu!...

SANTIAGO

(erguendo o copo)

Ya, a essa eu brindo!

Riem todos.

CUT TO:



TÍTULO DO FILME: "CORAÇÃO E LUME"

4 INT./EXT. CARRO DE NAVARRO, MARGINAL - DIA

Navarro conduz o carro na marginal. Pára num semáforo. Tira do bolso o telemóvel e liga um número. Atendem.

NAVARRO

Madame Wang? É o Navarro. Posso passar em meia-hora? (...) A Carol não está? (...) Fica para outro dia, já estou acostumado com ela... Obri-gado...

Desliga, com ar vagamente contrariado. Manobra e enfileira o carro no trânsito na direcção donde veio.

5 EXT./INT. SCALA, GABINETE DE NAVARRO - DIA

Navarro aproxima-se do Scala, sobe os degraus da entrada e olha contrariado para um escadote de madeira aberto ali deixado.

Navarro entra no Scala, e percorre diversos espaços, escadas, salas vazia e zonas de arrumos, sem ver ninguém. Nos diversos sítios de passagem vemos vários relógios de parede, cada um com sua hora diferente. Estão parados.

Entra no gabinete, também com um relógio de parede, desta vez em funcionamento: marca as nove horas.

Navarro senta-se à secretária e abre o laptop. A secretária está cheia de papéis e livros em desordem. Navarro consulta o mail, no topo está da firma 'Gouveia Advogados'. Abre-o, dá uma rápida vista de olhos, fecha o laptop.

CUT TO:

6 INT. SCALA, GABINETE DE NAVARRO - DIA

Navarro está adormecido deitado e encolhido em posição fetal num sofá de dois lugares num canto do escritório. Pelo corredor de acesso à entrada vem MARIETA, negra, 40 anos, secretária de Navarro, com um envelope grande na mão. Entra, sem dar conta da presença do patrão. Assusta-se. Despertando Navarro.



MARIETA

Navarro!... Não contava nada, bom dia... Não o vi entrar!

Navarro senta-se direito no sofá.

NAVARRO
(brincando)

Estás como o Valentim. Esse é que diz que não me vê entrar.

MARIETA
(rindo)

Sim, é feitiço de quem não quer ver o patrão...

NAVARRO

Por falar nisso hoje entrei pelo cinema e quem não viu o Valentim fui eu...

Marieta encolhe os ombros. Navarro levanta-se e dirige-se à sua secretária.

NAVARRO (CONT'D)

Nem para os despedir os encontro...

Marieta estende-lhe o envelope.

MARIETA

Veio um estafeta trazer há bocado. É daquela firma de advogados. E já ligaram, para saber se há novidade...

Navarro pega no envelope, onde está bem visível o logo do remetente, 'Gouveia Advogados', nome que já antes vimos no correio do mail.

NAVARRO
(mal disposto)

Quais novidades?

MARIETA

Se já leu o contrato. Se está tudo bem...

Navarro tira umas folhas do envelope.

NAVARRO
(meio absorto)

Se já li o contrato...



MARIETA

A escritura de compra e venda está para dia 5...

NAVARRO

Do próximo mês...

MARIETA

(resposta pronta)

Hoje é 29!...

As folhas que Navarro inspecciona, sentando-se à secretária, são esboços de um projecto de arquitectura previsto para o cinema Scala.

NAVARRO

Faltava isto, para juntar ao contrato. É o plano do próximo Espaço Scala...

Marieta rodeia a secretária e vem espreitar por cima do ombro de Navarro. Observa os desenhos.

MARIETA

Vai ficar bonito?...

NAVARRO

Mais um espaço comercial! O espaço Scala...

MARIETA

Mas vai ter sala de cinema! E ar condicionado.

NAVARRO

E pipoca...

(mudando de assunto)

Marieta, pergunta ao Noel se pode vir hoje trabalhar na montagem do 'Coração e Lume'.

MARIETA

Sim... Alguma coisa mais?

Navarro olha para toda a papelada desordenada em cima da secretária.

NAVARRO

Imprime-me outra vez a porra desse contrato, não sei onde é que meti...

Marieta faz uma discreta careta de desaprovação e retira-se.

Navarro folheia ainda os desenhos.



7 INT. CORREIOS DA BAIXA - DIA

FLASH-BACK. Anos 60.

(Imagem mais densa e colorizada, como de um postal antigo).

CRAVEIRINHA, um mulato bem parecido, cerca de 40 anos, de chapéu e cabelo penteado com brilhantina, recebe um selo ao balcão dos Correios. Lambe o selo e coloca-o num envelope endereçado em nome de 'Carol Fonseca'.

Por detrás do balcão, um FUNCIONÁRIO, 60 anos, branco, de rosto rugoso e sorridente mete-se com ele:

Funcionário
Três cartas em três dias, temos romance...

Craveirinha
Estamos a trabalhar nisso...

FUNCIONÁRIO
Com tanto selo, a moça deve ser de estalo, ó Craveirinha!

CRAVEIRINHA
Camarada, é sabido que há dois tipos de moças: aquelas a quem se escrevem cartas na esperança de ser atendido, e depois, todas as outras...

Atrás de si, na fila, está uma senhora branca, com um carrinho de bebé, que escuta a conversa, aproximando o ouvido.

FUNCIONÁRIO
Para um homem de palavras como tu, é meio caminho andado...

CRAVEIRINHA
(despede-se com um aceno)
Que os deuses te ouçam!

FUNCIONÁRIO
Até amanhã, poeta!

Craveirinha tira o chapéu e cumprimenta a senhora do carrinho de bebé. A senhora baixa o olhar. Craveirinha, com a carta na mão, dirige-se para a caixa com ranhura postal.

O Funcionário ao balcão observa com preocupação os dois homens de cinzento, que acabam de entrar e se dirigem para Craveirinha. São dois agentes da Pide.

Um deles, o inspector FRAZÃO, 45 anos, obeso e com barba de dias, interpela Craveirinha:



FRAZÃO

José João Craveirinha?...
(identifica-se com um crachá na mão)
Polícia Internacional e de Defesa do Estado...
Queira fazer o favor de nos acompanhar para
prestar declarações.

CrAVEIRINHA

Com que fundamento?

FRAZÃO

Na qualidade de jornalista bem informado...
(tira um jornal dobrado do bolso do casaco)
Neste seu artigo, acerca dos motins em Cabo
Delgado...

CrAVEIRINHA

Apanhei de ouvido, no Continental...

FRAZÃO

Já nos vai contar, tintim por tintim...

Craveirinha exhibe a carta, ainda por deitar na ranhura do correio local.

CrAVEIRINHA

Posso?... É uma carta de amor.
O Pide arranca-lhe a carta da mão.

FRAZÃO

Já decidimos na delegacia se é carta de amor ou
algo mais prosaico...

Craveirinha faz um leve gesto de assentimento. Dirige-se para o exterior ladeado pelos dois Pides.

A imagem pára num grande plano de Craveirinha.

CUT TO:

8 INT. SCALA, SALA DE MONTAGEM - DIA

Damo-nos conta que a cena anterior faz parte de um filme que está na mesa de montagem.

É NOEL, um negro de 25 anos, cabelo afro, de óculos, barba rala, quem mexe no teclado do computador de montagem. Navarro está sentado a seu lado. Noel olha para ele.



NOEL

Tirei aquele grande plano do Pide... Achei que era desnecessário...

NAVARRO

Sim, eu vi. Parece-me bem. Estás cada vez melhor, parabéns.

O jovem sorri, em sinal de agradecimento.

NAVARRO (CONT'D)

Mete lá a cena em que ela desfrisa o cabelo. Quero ver uma coisa.

Noel procura a cena com o cursor no écran.

CUT TO:

9 EXT. CASA DE CAROL, XIPAMANINE - DIA

Anos 60.

Xipamanine. CAROL, uma jovem mulata de pele clara, de traços delicados, cerca de 25 anos, ao som de uma cançoneta na rádio ("Put the blame on me"), deita a cabeça, de lado, sobre a mesa da cozinha e espalha os seus longos cabelos.

Em cima da mesa, vemos o envelope aberto com a carta de Craveirinha.

Uma AMIGA negra, da mesma idade, baixa e de busto proeminente, coloca uma toalha em cima dos cabelos dela e passa-a com um ferro quente de carvão, para desfrisar os cabelos.

AMIGA

A Cuca ficou careca por causa desta mania.

CAROL

(desdenha, a brincar)

...não, ficou careca porque comeu ovos cozidos durante a gravidez...

AMIGA

Brincas com o que é nosso.. Fazes isto apenas por ele... Tu pensas que um advogado branco, com escritório na avenida da República, vai deixar mulher e filhos por causa do charme do teu cabelo liso?



Carol cantarola o refrão da canção "Put the blame on me".

AMIGA (CONT'D)

Eles não vivem sem a black mas casamento e
cama lavada é com a branca, com a tuga...

CAROL

(impacienta-se)

Eu também sou portuguesa!
E é comigo que ele vai hoje ao Scala ver o My Fair
Lady...

AMIGA

Não acredito!

CAROL

A mulher foi para a Beira...

AMIGA

E o Craveirinha?...

CAROL

(amuada)

O Craveirinha também é casado.
Serve para meter ciúme...

AMIGA

Escreve cartas de amor tão bonitas!...

10 INT. SCALA, ÁTRIO - FIM DE DIA

Navarro desce as escadas e atravessa o átrio do Scala em direcção à saída.

Cruza-se com VALENTIM, o guarda negro, 50 anos, forte, vestido com desleixo, e com ar de indolente insolência.

NAVARRO

Valentim, como é que não te vi durante todo o
dia?

VALENTIM

Senhor Navarro, eu não sei. Estive a limpar o
sótão, encontrei aquela arca que me falou... Mas
chave, não tem!



NAVARRO

Leva para o meu escritório. Deixaste o escadote lá fora porquê?

VALENTIM

Era para tirar cartaz médico.

NAVARRO

E já tiraste?

VALENTIM

(com espanto)

Ainda não. É para tirar, certo?

NAVARRO

(contendo-se)

Sim, podes tirar.

Navarro sai para o exterior. Valentim pega no escadote.

11 INT. BAR ELVIS - NOITE

Navarro entra no bar Elvis e desce aos bilhares, na cave. Senta-se a um canto do balcão.

A seu lado, amontoam-se os jornais da casa. Navarro pega num enquanto o empregado se aproxima.

NAVARRO

Um vermute, seco.

Folheia o jornal.

Perto, dois JOVENS NEGROS engravatados discutem acaloradamente:

JOVEM 1

Uma força política, com representação parlamentar, não pode ter um exército privado!

JOVEM 2

O país está dividido, tem que haver um equilíbrio de forças ou uma integração...

JOVEM 1

Aí é que bate. Assim não há qualquer chance de integração. A guerra nunca é solução. E foram



anos de guerra civil.

Vemos Navarro folhear o jornal, a conversa dos dois jovens continua em fundo.

JOVEM 2

A hipocrisia também não é solução. Desarmar e humilhar também não.

JOVEM 1

Vivemos numa democracia parlamentar, não podemos ficar reféns dos senhores da guerra...

JOVEM 2

Mas quem são afinal os senhores da guerra? Não são os mesmos que prosperam à conta da riqueza do país?

JOVEM 1

Deixa-me rir! De que riqueza falas tu?...

A atenção de Navarro é atraída por uma notícia na capa do jornal, sobre a participação do empresário Leopoldo Vaz numa 'joint venture' com empresários da África do Sul e de Madagáscar.

Dá um gole no vermute. Pega no palito e mordisca a azeitona. Folheia o jornal e é surpreendido pela notícia sobre a morte do empresário Santiago Neves. O mesmo Santiago com quem estivera nessa manhã.

Em sobressalto, pega no telemóvel, hesita, e liga para Santiago. Demoram a atender. Uma voz de mulher.

MULHER (V.O.)

Sim, quem fala?

NAVARRO

Desculpe, boa noite, é um amigo do Santiago. Acabei de ler no jornal...

MULHER (V.O.)

Foi tudo muito inesperado.

NAVARRO

(confuso)

Os meus pêsames, minha senhora.

MULHER (V.O.)

Obrigado. Quer dizer-me o seu nome?...



NAVARRO

Navarro. O Santiago trabalhou uns tempos...

MULHER (V.O.)

O Navarro das fitas, eu sei...

NAVARRO

Ainda estou a vê-lo, e ouvi-lo dizer que tinha faltado ao próprio enterro...

MULHER (V.O.)

O enterro foi hoje.

NAVARRO

Sei, acabei de saber. Boa-noite.

MULHER (V.O.)

Boa-noite.

Desliga. Bebe o resto do vermute. Deixa uma nota sobre o balcão e dirige-se para a saída, indiferente à discussão dos dois jovens negros que continua.

12 INT. CASA DE NAVARRO, SALA - NOITE

Navarro entra em casa. Vê o PAI, 80 e muitos anos, de pijama, na penumbra da sala, sentado diante do televisor que transmite um jogo de futebol.

NAVARRO

Boa noite, pai.

O Pai olha na direcção dele inexpressivo e sem dizer nada. Volta o olhar de novo para o écran.

Navarro aproxima-se, poisa a mão no ombro do Pai, que não reage. Olha também por momentos para o écran. Depois dirige-se à cozinha.

13 INT. CASA DE NAVARRO, COZINHA - NOITE

JANINE, a empregada, 30 anos, baixa e gorda, dormita sentada numa cadeira e encostada ao frigorífico.

NAVARRO

Janine...



Ela recompõe-se, estremunhada.

JANINE

Desculpe patrão, há duas noites que não durmo...

NAVARRO

E não dormes porquê?

JANINE

Fiquei de vigília, numa brigada contra o gang dos G-20... A policia não faz nada e eles já mataram quatro pessoas lá, senhor Navarro. Um vizinho foi "engomado".

NAVARRO

Engomado?...

JANINE

Sim, os bandidos passam as pessoas com o ferro...

NAVARRO

Nem quero ouvir mais, por hoje chega... Pode-se jantar? E a senhora, não está?

JANINE

(dirige-se para o fogão)

Disse que ia à irmã e vinha depois.

Navarro sai da cozinha, sem comentar.

14 INT. CASA DE NAVARRO, SALA - NOITE

Navarro e o Pai jantam. Está um terceiro prato posto na mesa. O Pai, com o mesmo ar ausente, olha na direcção do televisor. Navarro folheia um pequeno caderno, enquanto come.

NAVARRO

(lê para o pai)

Há um apontamento do Tchekhov que diz: "Um homem em Montecarlo vai ao casino, ganha um milhão, volta para casa e suicida-se". Neste enigma está condensada a chave de todos contos...

(poisa o livro)

Há dias encontrei um velho amigo e brindámos por ele ter faltado, há uns anos atrás, ao próprio enterro...



O Pai, com o garfo a caminho da boca, passa a língua pelos lábios e depois diz:

PAI

O Rodrigo? Não vem hoje?...

Navarro fica surpreendido com a pergunta. Após ligeira pausa responde:

NAVARRO

Não, pai, o teu neto resolveu desaparecer. Há um mês que não sei nada dele... Quer-me castigar por qualquer coisa que só ele sabe...

15 EXT. CASA DE NAVARRO, VARANDA - NOITE

Um papagaio imperturbável no seu poleiro na varanda da casa. Navarro está sentado numa espreguiçadeira e tem uma garrafa de brandy sobre a mesa. Tem um cálice na mão e fala com o papagaio.

NAVARRO

Foda-se, um papagaio mudo só pode ser outra vítima de Alzheimer... A mulher fora, o filho a monte, restas-me tu, pirata... Diz-me lá, vendo ou não vendo o Scala? Aceitei o dinheiro do contrato-promessa para acabar o filme... Despeço o pessoal, pego na mulher e ponho-me nas putas? O que é que tem a dizer o meu filho? Adiar não é solução... Diz qualquer coisa, pirata dum raio!...

CUT TO:

16 EXT. CASA DE NAVARRO, VARANDA - NOITE

A garrafa de brandy está vazia. Navarro está adormecido no cadeirão.

A mulher de Navarro, MATILDE, 50 anos, esbelta, de cara angulosa e cabelo curto, aproxima-se.

Navarro entreabre os olhos. Olha para Matilde, a silhueta meio difusa no halo de luz proveniente da parede.



MATILDE

Vem-te deitar Navarro, é muito tarde...

Ele levanta-se, meio entorpecido. Ela dirige-se para o interior virando-lhe as costas. Ele segue-a.

17 EXT. CASA DE NAVARRO, QUARTO - DIA

O rádio despertador liga-se com o sinal horário das 9 horas. Navarro desperta. Está sozinho na cama. Tem um bilhete escrito à mão na mesa de cabeceira:

"Decidi dar-te mais uma hora de sono. Beijo. Matilde".

Navarro senta-se na cama. Está em cuecas. Franze o sobrolho, tentando concentrar-se. Em sobressalto, pega no telemóvel e liga para Marieta.

NAVARRO
(ao telefone)

Marieta?... O advogado não passava às 9 e 30?
Tenta apanhá-lo, diz-lhe que estou no banco,
atrasa para o meio-dia...

Desliga. Volta a ligar outro número.

NAVARRO (CONT'D)
Madame Wang? É o Navarro. Pode marcar a Carol
para as dez?... Ótimo.

E desliga.

18 EXT. CASA DE MASSAGENS WANG - DIA

Navarro estaciona com destreza o carro no passeio. Sai do carro, tranca-o e atravessa a rua.

Dirige-se a um edifício estreito, de 2 andares, com um cartaz onde figura o rosto de uma chinesa e os dizeres: "Madame Wang, Massagem oriental".

Navarro afasta um pequeno portão metálico e aproxima-se da porta. Toca à campainha.





19 INT. CASA DE MASSAGENS WANG, RECEPÇÃO - DIA

A porta abre-se automaticamente do interior e Navarro entra. À esquerda, por detrás do balcão, MADAME WANG, 50 anos, ar seráfico.

NAVARRO

Bom dia, Madame Wang.

MADAME WANG

Bom dia, Navarro.

Navarro tira umas notas da carteira. Ao fundo da recepção está sentada uma jovem chinesa, que ergue o olhar para ele e sorri. Navarro olha para Madame Wang interrogativamente ao mesmo tempo que lhe estende o dinheiro.

Wang aponta com o olhar para o corredor do fundo. Aproxima-se CAROL, a mulata que antes vimos como actriz no filme de Navarro. Usa um vestido justo, o cabelo afro, e está sem maquilhagem.

NAVARRO

Olá, Carol... Long time no see...

Ela sorri-lhe com simpatia, sem responder. Carol sobe umas escadas interiores, ele segue-lhe o chinelar.

20 INT. CASA DE MASSAGENS WANG, SALA - DIA

Navarro está deitada na marquesa, despido, com uma toalha à volta da cintura. Carol ocupa-se de um dos braços de Navarro, massajando-o com óleo, dos dedos da mão ao ombro.

CAROL

E eu a pensar que ia ficar famosa...

NAVARRO

E vais... Daqui a um ano vais estar a espalhar glamour na La Croisette, em Cannes...

CAROL

Demora ainda um ano? Porque é que demora tanto acabar um filme?

NAVARRO

Tem havido complicações, nada a ver com o filme.



CAROL

Ah...

(mudando de assunto)

Continua sem ter notícias do filho?

NAVARRO

Vai quase um mês.

CAROL

Jovem é assim, tem que deixar voar.

NAVARRO

Pai é um empecilho.

CAROL

Pai é pai, quer o melhor.

NAVARRO

Mas fala-me da tua vida. Já tens noivo?

CAROL

Noivo ainda não... Fui maltratada, não quero mais.

Carol ocupa-se agora do outro braço de Navarro.

CAROL (CONT'D)

Eu queria assim um poeta, como o Craveirinha...

NAVARRO

Mas tu tiveste...

CAROL

Não conta, filme é tudo a fingir...

NAVARRO

Sim, é a fingir mesmo quando é verdade...

21 EXT. SCALA, FACHADA - NOITE

Anos 60.

Um cartaz gigante do filme "My Fair Lady" na fachada do Scala.

JOÃO (Navarro em jovem), um rapaz alourado, de 13 anos, espigadote, com calções e camisa solta, uma bola de basquete entalada debaixo do braço, está espedado no passeio a olhar para o cartaz.



Um porteiro negro, fardado, começa a abrir as portas do átrio. No patamar, um placard com os dizeres 'Lotação esgotada'.

Dois negros colocam uma passadeira vermelha na escadaria à entrada.

Um homem de 40 anos, bem vestido, bigode à Clark Gable, aproxima-se de João. É o CASTELAR.

CASTELAR

Hei, miúdo, queres ganhar uns tostões?

João olha-o com curiosidade.

JOÃO

E porque não?

CASTELAR

Como é que te chamas?

JOÃO

João Navarro.

CASTELAR

Trata-se de um assunto do coração... Achas que te desvencilhas?

João esboça um sorriso. Castelar tira um envelope do bolso e estende-lho.

CASTELAR (CONT'D)

Vais ao Continental entregar este envelope... Da parte do Castelar.

No subscrito está escrito: 'Carol'.

JOÃO

Carol?... Que idade é que ela tem?

CASTELAR

Não é da tua idade... Vais logo reconhecê-la. É a mulher mais bonita que lá estiver!

Castelar faz-lhe uma festa no cabelo, despenteando-o, dá-lhe umas moedas e afasta-se.

Começam a entrar pessoas com vestido de noite de estreia no cinema.



22 EXT./INT. CAFÉ CONTINENTAL - NOITE

Craveirinha toma um vermute na esplanada do Continental. O chapéu na cabeça disfarça um pouco a contusão visível numa das faces.

Noutra mesa, um grupo de militares fardados bebem cerveja.

O miúdo João passa por ele, batendo a bola de basquete. Não se conhecem. O miúdo entra no café.

ANTÓNIO, gerente do Scala, 50 anos, vestido de smoking, sai do café, vê e cumprimenta Craveirinha.

ANTÓNIO

(estendendo a mão)

Como está o meu amigo Craveirinha?...

CRAVEIRINHA

Sem fato de gala, reparo agora. Senta aí um pouco.

ANTÓNIO

Tenho convidados à espera... E tenho todo o gosto em convidar-te, o fraque não é obrigatório...

CRAVEIRINHA

Opereta não é bem o meu género...

António repara com preocupação na contusão na face de Craveirinha.

ANTÓNIO

Que te aconteceu aí no rosto?

CRAVEIRINHA

Um contratempo...

(olha à sua volta; apenas os soldados, que brindam)

Esbarrei na situação...

ANTÓNIO

O artigo sobre o Mondlane?

CRAVEIRINHA

Somos todos soldadinhos de chumbo na marcha da História, camarada António.

ANTÓNIO

(despedindo-se e estendendo de novo a mão)
Outro dia falamos...



Craveirinha repara no miúdo que apoia o pé na bola de basquete, tem um envelope na mão esquerda e tira do bolso um cronómetro. Resolve meter-se com ele.

CRAVEIRINHA

Tens aí uma bela cebola... Para que é que serve?

João olha para ele. Põe o cronómetro em andamento.

JOÃO

Serve para tudo o que eu quiser. Para medir a duração dos beijos no cinema, por exemplo...

CRAVEIRINHA

(surpreendido)

Um cronómetro para os beijos? Olha o moleque! E a ti, quem te mede a pulsação?

JOÃO

Eu acho que o meu coração pára!

CRAVEIRINHA

(rindo)

Saíste-me um mariola... Qual é a tua actriz preferida?

JOÃO

Elizabeth Taylor, Nathalie Wood...

CRAVEIRINHA

E a Audrey Hepburn, não vais ver?...

JOÃO

Já não havia bilhete. Mas de quem gosto mais é da Taylor!

CRAVEIRINHA

Uma boa escolha, já temos uma coisa em comum!

JOÃO

(olhando o Scala do outro lado da rua)

Eu gosto tanto dos filmes que às vezes até vomito. Um dia ainda hei-de ter um cinema só para mim.

João vê uma mulata, que reconhecemos ser Carol, elegantemente vestida, salto alto, cabelo desfrisado, aproximar-se nas costas de Craveirinha e entrar no café.



CRAVEIRINHA

Vou-te dar uma dica: sonhar nunca é demais!

João pára o cronómetro.

JOÃO

Agora tenho de ir...

CRAVEIRINHA

E quanto tempo durou a nossa conversa?

JOÃO

Quarenta e sete segundos. Eu cronometro tudo o que é importante...

E vira-lhe as costas, reentrando no café.

Craveirinha, intrigado, acompanha-o com o olhar através da montra. João aproxima-se de Carol, que olha em redor.

A cena no interior do Continental é vista do ponto de vista de Craveirinha, com o som exterior da rua e do trânsito.

Suspenso da cena entre João e Carol, levanta-se, acende um cigarro pelo lado do filtro, pragueja, corta o filtro e acende de novo o cigarro, e observa sem perder pitada, colado à montra:

Carol olha à volta, à procura de Castelar. Senta-se a uma mesa. João aproxima-se e diz (não ouvimos o diálogo, vemos através da montra): 'Concerteza que é a Carol'. 'E tu quem és?', pergunta ela. Estendendo o envelope, João diz: 'Sou o mensageiro'. Ela abre o envelope.

Vemos um detalhe, nas mãos de Carol, o conteúdo do envelope: Dois bilhetes para a estreia do "My Fair Lady" e um bilhete: 'A Arlete desconfia e voltou da Beira. Castelar'.

Carol levanta-se, olha em redor, como se o Castelar estivesse escondido.

Cruza o olhar com Craveirinha, que a cumprimenta tirando o chapéu. Carol faz-lhe uma pequena vénia de reconhecimento.

Depois olha para o miúdo João e pergunta-lhe (continuamos sem ouvir): 'Queres ir ao cinema?'. Ele acena a cabeça com entusiasmo.

Craveirinha olha ainda confuso.

'Mete a fralda para dentro dos calções', diz Carol, e dá o braço ao miúdo. Ele não se faz rogado. Dirigem-se para a saída.



23 INT. SCALA, SALA DE CINEMA - DIA

Carol e João sentados na plateia. O halo de luz da projecção no écran.

Jornal de actualidades: uma qualquer acção de propaganda do Estado Novo português.

João desvia o olhar para Carol, que de olhar fixo no écran, de perfil, deixa cair uma pequena lágrima.

Carol leva a mão ao rosto para limpar a lágrima. Depois leva a mão à cabeça de João e gira-a, para que ele olhe para o écran.

O fim do Jornal de actualidades dá lugar à intro dos 'Filmes Castelo Lopes' antes do começo do 'My Fair Lady'.

CUT TO:

24 INT. SCALA, GABINETE DE NAVARRO - DIA

Ouve-se distintamente o tique-taque-tique-taque do relógio.

Navarro folheia o contrato de compra e venda do Scala.

Marieta entra com uma chávena de café na mão.

MARIETA

Aqui tem o café...

NAVARRO

O que é que ele disse?

MARIETA

(poisa o café na secretária)

Disse que voltava.

NAVARRO

Está atrasado, não era ao meio-dia?...

MARIETA

Era às nove e meia, Navarro, que é que lhe aconteceu?

Navarro atira o contrato para cima da secretária e pega na chávena.



NAVARRO

Apeteceu-me fazê-lo esperar. Uma coisa: como é que se diz futuro em ronga, ou em shangane, ou na tua língua?

MARIETA

Futuro?... não estou a ver... se calhar não tem...
(tenta uma fuga pelo humor:)
Mas tem “amanhã”, serve?

NAVARRO

(sorri)

Não, não serve. Descobri que não há modo de dizer o futuro em bantu. É por isso, talvez, que aqui não se tem noção de que o tempo nos escapa...

MARIETA

Por isso precisa de tanto relógio, chefe?...

NAVARRO

Havia uma lenga-lenga na infância... Como era?...
(recorda, diz para si)

O tempo pergunta ao tempo... quanto tempo o tempo tem. O tempo responde ao tempo que o tempo tem tanto tempo quanto tempo o tempo tem...

Marieta olha-o com divertida estranheza e retira-se. Navarro bebe o café. Marieta regressa quase de imediato.

MARIETA

Chegou o Dr. Alberto Muianga...

NAVARRO

Manda-o entrar...

Levanta-se para ir receber o visitante. Marieta dá passagem ao advogado e fecha a porta.

O Dr. MUIANGA é um jovem, cerca de 30 anos, de fato e gravata, casaco com um só botão que a barriga empurra, uma mala de executivo na mão.

NAVARRO (CONT'D)

Faça favor... Peço desculpa pelo incómodo do atraso...
Apertam as mãos, com firmeza.



MUIANGA

Alberto Muianga... Não tem importância.

NAVARRO

Posso oferecer-lhe um café, uma água?

MUIANGA

Nada, obrigado.

NAVARRO

(indicando cadeira)

Faça favor.

Navarro contorna a secretária e senta-se diante do interlocutor.

NAVARRO (CONT'D)

Já li o contrato.

MUIANGA

Alguma objeção?...

Navarro pega no contrato.

NAVARRO

Diz aqui, na cláusula sétima, que me é dado um prazo de dois meses após a assinatura para a entrega da chave.

MUIANGA

É um prazo razoável. As negociações, como sabe, foram demoradas...

NAVARRO

Está muita coisa em jogo, Dr. Muianga. Toda uma vida. E a vida de uma dezena de trabalhadores.

MUIANGA

Compreendo. Terá feito já os seus cálculos...

NAVARRO

Há sempre imprevistos... Vou precisar de mais tempo, quatro meses.

MUIANGA

(surpreendido, desagradado)

Terei de consultar com o Dr. Leopoldo.





NAVARRO

Com certeza.

MUIANGA

De qualquer modo o Dr. Leopoldo tem a legítima expectativa de poder assinar o acordo dentro de três dias, aquando da sua chegada a Maputo. Teve oportunidade de ver os planos de arquitectura?

NAVARRO

Tive, nada a opor. É um bom projecto.

(graceja)

O único senão é que vai apagar da memória da cidade uma parte da sua história.

MUIANGA

Memória não faz estrada ou levanta ponte, não gera riqueza ou é motor do progresso... O Espaço Scala é uma mais valia para Maputo, aliás com reconhecimento ao mais alto nível. O Sr. Leopoldo tem um excelente relacionamento com o Estado moçambicano...

NAVARRO

(não se contém, acintoso)

Eu chamar-lhe-ia um casamento de interesses...

MUIANGA

(o diálogo fica mais tenso)

É matéria de opinião... O tempo não pára, senhor Navarro...

NAVARRO

Verdade. E tudo muda com o tempo. Tornei-me proprietário do Scala através de um protocolo assinado com o Ministério da Informação e Cultura, após a Independência...

MUIANGA

Vamos ser pragmáticos. Passado é passado. Temos conhecimento das suas actuais dificuldades, um co-produtor português do seu último projecto deixou-o numa situação embaraçosa, com o crédito mal parado... Este empreendimento é no interesse de todos, a começar pelo senhor Navarro...

NAVARRO

Está muito bem informado...



MUIANGA

(cortante)

Faz parte do meu trabalho. E, por outro lado, não se esqueça que há um contrato-promessa que contempla uma indemnização por incumprimento... Como se diz: o que tem de ser tem muita força. Deixo-lhe o meu cartão...

(levantando-se, tira um cartão da carteira e entrega-o a Navarro)

Darei notícias...

Muianga levanta-se. Apertam de novo as mãos, com frieza. O advogado sai, sem fechar a porta.

Navarro liga pelo intercomunicador para Marieta.

NAVARRO

(indignado)

Marieta, liga-me para o gerente de conta. Quero dar uma palavrinha a esse sacripanta...

MARIETA (V.O.)

Que se passa?

NAVARRO

Que não há sigilo bancário, na porra deste país!... Desculpa, não é nada contigo... Este Muianga deixou-me piurso...

MARIETA (V.O.)

O que é que correu mal?

NAVARRO

Nada, deixa para lá... Diz-me uma coisa, já entrou na conta a primeira tranche do filme sobre o carvão? Vamos começar a rodar na próxima semana...

MARIETA (V.O.)

Ainda nada, falei para eles há pouco, que falta um trâmite, uma assinatura, andamos nisto há quinze dias!

NAVARRO

Cancela tudo, desconvoca o pessoal... não há rodagem!...



MARIETA (V.O.)

Que diz, Navarro? Temos o compromisso com as pessoas!...

NAVARRO

Estou farto, faz o que te digo. Diz-lhes que assim não há filme, é impossível cumprir os prazos. Vais ver que o dinheiro aparece.

Navarro deixa de premir o intercomunicador.

NAVARRO (CONT'D)

(para si próprio)

Era o que mais faltava, afundar-me à conta da burocracia de Estado. Tenho que me livrar disto...

Toca o telemóvel. Ele pega no telemóvel, é uma chamada de Matilde. Navarro atende.

MATILDE (V.O.)

Navarro, o teu pai não está em casa.

NAVARRO

Como não está em casa? A Janine?

MATILDE (V.O.)

Ela é que ligou, em lágrimas, escapou-se sem ela dar conta.

NAVARRO

Há quanto tempo?

MATILDE (V.O.)

Não sei. Ela ligou agora.

NAVARRO

Deve ter ido à antiga fábrica de rolhas, é sempre para onde vai quando se escapa!

MATILDE (V.O.)

Mantém-me informada.

NAVARRO

Sim, vou lá resgatá-lo...



25 EXT./INT. CARRINHA DE TRANSPORTE COLECTIVO - DIA

Uma carrinha de caixa aberta (transporte popularmente apelidado 'My love'), a deitar por fora com homens e mulheres, negros, alguns mesmo à pendura nos estribos, circula pelo trânsito na cintura de Maputo.

Na parte dianteira, encostado à cabine, segue imperturbável o Pai de Navarro. A carrinha pára, saem uns quantos, entram uns quantos mais, entre ditos jocosos. A carrinha arranca.

Um pouco à frente, o Pai de Navarro começa a bater no tecto da cabine. A carrinha imobiliza-se. Ele desce, auxiliado por alguns dos ocupantes. A carrinha parte de novo. O Pai de Navarro olha em redor, e depois toma o seu rumo.

26 INT./EXT. CARRO DE NAVARRO, RUAS - DIA

Navarro circula no seu carro na mesma estrada onde na cena anterior vimos passar o Pai no 'My love'. Desta vez o trânsito é intenso e avança a passo de caracol.

Numa rotunda, rodeada por um mercado, Navarro opta por um caminho mais desimpedido. O telemóvel poisado no assento ao lado começa a tocar. É Matilde. Atende.

NAVARRO
(ao telemóvel)

Ainda não, apanhei trânsito...
(reage, ao ver algo na estrada)
Porra, já me lixei!...

Cinquenta metros à frente, é mandado parar por um POLÍCIA especado na estrada.

NAVARRO (CONT'D)
Nada, é a polícia e mais um peditório para a
gasosa... Até já.

Desliga e trava o carro. Olha para o polícia que se aproxima, com outro polícia na retaguarda.

POLICIA
(fazendo continência em saudação)
Ora boa tarde.

NAVARRO
Boa tarde...

POLICIA
Posso ver o livrete, por favor?

Navarro procura os documentos no tablier e passa-os ao policia.



NAVARRO

Está tudo em ordem.

POLICIA

É o que vamos ver...

O polícia examina detalhadamente os documentos. Entretanto o segundo polícia dá uma vistoria à volta do carro.

NAVARRO

Estou com alguma pressa...

O polícia olha-o de soslaio. O outro polícia aproxima-se do primeiro e segreda-lhe qualquer coisa ao ouvido.

POLÍCIA

Tem o farolim traseiro rachado.

NAVARRO

(sem paciência)

Funciona perfeitamente.

POLICIA

(sorrindo, estendendo-lhe os documentos)
E vinha a cometer infracção...

NAVARRO

O telemóvel? Tenho o meu pai perdido por aí e o meu pai tem Alzheimer... Foi uma emergência...

POLICIA

Tem que pagar multa na mesma... O meu dever é zelar pela lei...

NAVARRO

(sem paciência)

Sei, sei... Queira fazer o favor, passe lá a multa...

POLICIA

Sabe quanto é a multa?

NAVARRO

Eu é que hei-de saber?... Não tenho tempo, já lhe disse...

POLICIA

Isso do tempo a Lei é que dispõe...



Navarro tira 300 meticais da carteira.

NAVARRO

Trezentos?...

POLICIA

Trezentos podia ser considerado suborno...

Navarro tira mais 200 meticais da carteira e dobra as notas. O Polícia estende-lhe os documentos e ele passa-lhe o dinheiro.

POLÍCIA

Pode seguir...

O polícia recua e faz-lhe novamente continência. Navarro arranca, contendo a irritação.

Mais à frente, mete furioso pelo atalho de Chamanculo. Entra no bairro, pelas estradas de terra batida. Avança.

De repente pára ao pé de uma antiga fábrica em ruínas. Sai do carro.

27 EXT. FÁBRICA ANTIGA - FIM DE DIA

Navarro contorna o edifício, percorre uma zona de maquinaria enferrujada, chama pelo pai:

NAVARRO

Pai!... pai!...

Não vê viva!lma. Num muro uma mensagem pintada do gang dos G-20: "O ferro vai chegar".

O sol começa a desaparecer no horizonte.

28 INT./EXT. CARRO DE NAVARRO, RUAS - NOITE

Navarro de novo ao volante, inquieto, olhando em torno. Conduz, meio desnortado.

NAVARRO

Raio do velho!...

Atravessa, mais lentamente, uma zona suburbana com algum movimento nocturno - uma série de bares e tascas, mais ou menos improvisadas com tijolo e madeira, com mulheres que circulam e se oferecem.



Subitamente um JOVEM ALBINO, cerca de 20 anos, descalço, atravessa-se diante do carro. Navarro trava de imediato.

O Jovem Albino, em pânico, olha para ele, depois olha para trás e recomeça a correr. Está a ser perseguido por uma dezena de negros, dos quais três ou quatro mulheres. Alguns com varapaus, cordas e archotes.

Navarro procura debaixo de assento e saca uma pistola, que mete no bolso do casaco. Sai do carro, deixa o motor a trabalhar.

29 EXT. CLAREIRA SUBURBANA - NOITE

Numa clareira entre barracas, o Jovem Albino é encurralado pela população em fúria.

Navarro leva a mão ao bolso e empunha a pistola, aproxima-se.

De repente, Navarro identifica o PAI na retaguarda do tumulto, curioso e confuso com aquele burburinho. Navarro grita-lhe:

NAVARRO

Pai!! Venha já para aqui!...

O Pai olha para ele e parece reconhecê-lo. Aproximam-se um do outro.

O aparecimento de Navarro empunhando uma pistola desvia momentaneamente a atenção do Jovem Albino, que aproveita e se aproxima de Navarro e do Pai.

POPULAR 1

Ele é nosso, não pode levar.

Navarro ameaça os populares sob a mira da pistola. Um deles avança.

NAVARRO

Ele não é bandido, parem lá com isto, não posso deixar fazer mal...

(para o Pai)

Vamos, pai!

Navarro agarra pelo pulso o Pai, que está alheio à perigosidade da situação, e começa a recuar em direcção do carro, na companhia do Jovem Albino.

MULHER 1

É por causa dele que vem o gang do G20!



POPULAR 2

Vamos cataná-lo...

NAVARRO

Qual G-20?, este jovem tem cor de pele diferente,
só isso...

POPULAR 1

O albino dá azar vivo e dá sorte morto!

NAVARRO

Azar é bandido, não é albino! Quem é que quer
morrer primeiro?...

Continuam a recuar em direcção ao carro. O cerco mantém-se, menos agitado...

NAVARRO (CONT'D)

Entrem, rápido.

O Jovem Albino ajuda o Pai de Navarro a subir para o carro. Navarro sobe para o volante. Arrancam.

O carro de Navarro abandona o bairro e entra numa estrada alcatroada.

30 INT. CARRO DE NAVARRO - NOITE

Navarro conduz. Sente-se ainda inebriado com o que se passou. Comenta para o Pai:

NAVARRO

Nada mau, heim, pai? Livrámo-nos de um belo
sarilho.

O Pai não reage. Navarro olha para o Jovem que vai no assento de trás.

NAVARRO (CONT'D)

Estás bem?...

O Jovem Albino diz que sim com a cabeça.

Navarro saca da pistola do bolso e exhibe-a.

NAVARRO (CONT'D)

Um cena digna do Rambo!...



Dispara a pistola três vezes, e três vezes repercute em seco.

NAVARRO (CONT'D)

É um adereço de filme. Tem o carregador soldado,
só dá para fazer de conta.

O Pai olha em frente, alheio. O Albino olha para Navarro com um sorriso.

NAVARRO (CONT'D)

O que é que fazias naquele bairro?...

JOVEM ALBINO

Moro lá.

NAVARRO

Não tens outro sítio para onde ir?

O Jovem diz que sim com a cabeça.

NAVARRO (CONT'D)

Então hoje vamos todos dormir melhor! Não é,
Pai?

O Pai surpreendentemente diz:

PAI

O Navarro?

NAVARRO

Está aqui a seu lado, pai...

PAI

(peremptório:)

O outro Navarro!

Navarro fica em silêncio, sem responder.

31 INT. CASA DE NAVARRO, VARANDA - DIA

É manhã cedo. Navarro toma o pequeno-almoço na varanda, sumo de laranja e pão torrado com doce de alperce. A mesa posta para dois. Matilde entra na varanda e aproxima-se. É ele quem a saúda:



NAVARRO

Bom dia!

MATILDE

Bom dia, Navarro...

(senta-se)

O teu pai?

NAVARRO

Ainda dorme...

MATILDE

Foi uma grande aventura.

NAVARRO

Difícil dizer o que foi para ele, é como se estivesse na lua!

MATILDE

Eu acho que ele sabe o que se passa. Vê, ouve e sente. Não tem é os instrumentos para interagir.

(serve-se de café)

É como um bebé...

NAVARRO

Talvez...

(mudando de assunto)

É impressionante: como é que se acaba com a credence e a superstição? Não há revolução que resolva isso. Tu sabes quanto vale na Tanzânia um osso de albino? Cinquenta mil dólares...

MATILDE

O que é que fazem com o osso?!...

NAVARRO

Mezinhas para o mau olhado. Um molar de albino esmigalhado, esfrega-se no peito, e afasta as balas...

MATILDE

(jocosa)

Com tantos ossos que tem o corpo humano equipava-se um exército...

Toca o telemóvel de Navarro. Ele olha para o mostrador, é Muianga, o advogado do comprador do Scala. Navarro hesita em atender.



MATILDE (CONT'D)

Quem é?...

NAVARRO

É por causa do Scala. O advogado.

MATILDE

E não atendes porquê?

Ainda que relutante, Navarro leva a mão ao telemóvel e atende.

MUIANGA (V.O.)

João Navarro?

NAVARRO

Sim, o próprio. Como está?...

MUIANGA (V.O.)

Estou a ligar-lhe em nome do Dr. Leopoldo, que consultei a propósito do prazo de entrega... Dois meses é mesmo o prazo máximo...

NAVARRO

Posso falar pessoalmente com o Dr. Leonardo?

MUIANGA (V.O.)

Não vai ser possível, ele delegou na nossa firma todos os detalhes.

NAVARRO

Muito bem. E eu não assino um contrato antes de conhecer pessoalmente com quem vou assinar...

MUIANGA (V.O.)

O senhor Navarro não está a falar a sério...

NAVARRO

Estou a falar muito a sério. Dê notícias.

E desliga, irritado.

NAVARRO (CONT'D)

Quem é que este fedelho pensa que é?



MATILDE

Mas o que é que se passa?

NAVARRO

A assinatura do contrato está aprazada para depois de amanhã...

MATILDE

E o que é que não está resolvido ainda?...

NAVARRO

Não gosto de gente prepotente.

MATILDE

Ninguém gosta. Mas não é disso que se trata. Trata-se de te veres livre do Scala, que só te dá chatices e prejuízo... Tu consegues ter um projeccionista, e já não haver projeções!... Mas não me meto nisso.

NAVARRO

Vamos ver.

MATILDE

Tu tem mas é juízo, Navarro. Não podes estar sempre a mudar de ideias.

NAVARRO

Quero acabar primeiro o filme.

Matilde vai dizer qualquer coisa, contém-se, tira um cigarro do maço, leva-o à boca e acende-o. Olha para Navarro, que se serve de café.

32 EXT. MAPUTO, ESQUINA - DIA

Anos 60.

João está encostado a uma esquina, com um pé flectido contra a parede. Está mais crescido, quase 14 anos -, já não usa calções, veste uns jeans com vinco e um polo amarelo torrado.

Donde está não vê o passeio à sua direita, por onde se aproxima Carol, empurrando um carrinho de bebé. João tira um maço de cigarros do bolso, acende um cigarro, dá uma passa num gesto estudado e tenta fazer uma argola de fumo.

Carol chega à esquina com o carrinho de bebé, olha à volta e vê o João.





CAROL

Olá João! Sempre vieste...

JOÃO

Eu disse que sim, que podia contar comigo...

João debruça-se para ver o bebé, que tem meia dúzia de meses.

CAROL

Vamos lá? Não é muito longe.

João acena com a cabeça. Seguem pelo passeio.

33 EXT. VIVENDA DE CASTELAR - DIA

João, Carol e o bebé entraram agora numa zona com pequenas vivendas, de jardim fronteiro.

CAROL

Desde quando é que começaste a fumar? Ainda nem barba tens...

JOÃO

Mas já faço, e já arranha...

E leva dois dedos ao invisível buço. Carol sorri, olha para uma das vivendas e pára junto a um portão.

CAROL

É aqui...

JOÃO

Não tem campainha.

CAROL

Entramos...

Carol retira o bebé do carrinho e ampara-o contra o peito. Depois abre o portão e entra para o jardim, seguida por João, abandonando o carrinho à entrada.

Não chegam a bater à porta. Esta abre-se e deparam com um perplexo Castelar, em calções e camisola interior de cavas.



CASTELAR

Tu és doida? Que fazes aqui?...

CAROL

Eu avisei-te...

CASTELAR

Felizmente a Arlete foi a uma acção da igreja...

CAROL

(dialecto ronga)

Nós não temos pressa.

CASTELAR

Que estás a dizer?...

CAROL

(ela repete a frase em ronga, depois traduz)
O mundo não tem pressa... Não nos convidas
para entrar?

CASTELAR

Já reconheci oficialmente o miúdo, que queres
mais?

CAROL

A pensão da criança... Todos os meses. Já me fui
informar, senhor doutor...

CASTELAR

Carol, amor, se a minha mulher chega temos uma
tempestade a três...

CAROL

O problema é teu... Se calhar é mesmo com ela
que devo falar.

CASTELAR

Vai amanhã ao sítio do costume.
(olhando para o bebé)

Acertamos tudo.

CAROL

Deves estar a brincar... Tu julgas que vou outra
vez em promessas?

CASTELAR

Eu pago, descansa... Mas não é só isso, quero
voltar a ver-te...



CAROL

Pois eu não!... Tu nunca me escreveste uma carta de amor.

João sufoca um riso. Castelar repara na cara de gozo do João.

CASTELAR

E ainda gozas o prato, meu sacaninha?...

CAROL

Eh, eh... não quero milandos com o João, que é um cavalheiro...

JOÃO

Dr. Castelar, com todo o respeito, as damas têm quase sempre razão...

CAROL

(olhando para ele, e controlando o riso)
Quase sempre?... Estás ainda muito a tempo de aprender... Vamos!...

Carol vira costas ao Castelar, que ia dizer qualquer coisa, e afasta-se com o bebé ao colo.

João vai na sua peugada.

34 EXT./INT. SCALA, SALÃO E VARANDA - NOITE

Na fachada do Scala, um cartaz do filme de James Bond 007, "Goldfinger".

No salão com acesso ao balcão e à varanda confraternizam duas dezenas de espectadores, maioritariamente homens e brancos, em pequenos grupos e diversos tipos de conversa:

António, o gerente do cinema, está na companhia de Frazão (o inspector da Pide), e de Castelar.

ANTÓNIO

Os turras estão a receber armamento e instrução da China e da União Soviética, isto está para durar, Frazão...

FRAZÃO

O conflito está perfeitamente circunscrito mas sim, contam com apoios externos e poderá durar. Mas longe de Lourenço Marques ou de qualquer centro urbano.



CASTELAR

O país é grande, muito grande... Fala-se muito em colonialismo e anti-colonialismo mas... Castelar hesita, olha para Frazão.

FRAZÃO

Por amor de Deus, fale à vontade, Dr. Castelar, estamos entre amigos...

CASTELAR

Portugal é um país pequeno, e isolado, internacionalmente. A quantidade de línguas e tribos é um problema real, quer para nós quer para os comunistas. Hoje o sonho do Mapa cor-de-rosa soa a uma coisa do arco-da-velha... Portugal deixou de ser um Império com a independência do Brasil.

FRAZÃO

O que Portugal não pode fazer - Império ou não Império -, é abandonar este território à sua sorte.

CASTELAR

Sim, não se vai entregar o ouro ao bandido...

ANTÓNIO

A Índia foi um caso diferente...

Frazão olha na direcção da varanda, onde Craveirinha está na companhia do jovem João.

FRAZÃO

Daí ser tão importante estar vigilante quanto ao inimigo interno...

ANTÓNIO

Mondlane não é comunista, tanto quanto se diz.

FRAZÃO

Mas está na mão dos comunistas. Um dos lugares-tenentes do Mondlane é o Samora Machel, um comunista...

Na varanda, o poeta e o jovem conversam:

CRAVEIRINHA

Com o 007 vais aprender uma coisa. Que uma laranja se divide em gomos, não em metades...





JOÃO
(divertido)
É para isso que serve o 007?

CRAVEIRINHA
Sim, para sonhar e pensar.

JOÃO
O que é a guerra fria?

CRAVEIRINHA
(surpreendido, sorrindo)
Guerra fria?... É um nome inventado para dividir o mundo em apenas duas metades.

JOÃO
Então o James Bond é um agente secreto imperialista...

CRAVEIRINHA
Sim, mas é também muito divertido.

JOÃO
É por isso que nós queremos sempre fazer parte dos bons...

CRAVEIRINHA
Claro!
(pisca-lhe o olho)
E dos maus quando tem de ser...

Soa o gong anunciando o início do filme. Os espectadores dirigem-se para a sala.

Soam os primeiros acordes do tema 'Goldfinger', cantado por Shirley Bassey.

35 INT. SCALA, BALCÃO E PLATEIA - NOITE

Som de uma cena de acção do filme.

No balcão, maioritariamente de espectadores brancos, vemos os rostos das personagens no escuro, João com Craveirinha, Castelar e Frazão, António junto da cortina de acesso.

Na plateia, maioritariamente negra, sobretudo de homens, gritam-se incentivos e batem-se palmas ao herói no écran.





António desvia o olhar do écran para um HOMEM ÉBRIO, que galga uma fila do balcão, aproxima-se do varandim, desabotoa a braguilha e esguicha um jorro de mijo para a plateia.

António precipita-se para o agarrar. O homem vocifera:

HOMEM ÉBRIO

Querem a independência? Tomem lá a
independência, negros duma figa!...

Quase cai do balcão abaixo, é mesmo António quem o salva. Frazão também de aproxima. Na plateia reagem:

NEGRO

Sentes as costas quentes, grande filho da puta!...

Mais negros se levantam, alguns saem da sala.

No balcão, António e Frazão manietam o homem. Alguns dos espectadores do balcão aproximam-se do varandim e procuram acalmar os ânimos lá em baixo.

36 EXT./INT. SCALA, SALÃO E VARANDA - NOITE

Na varanda da fachada do Scala, António está acompanhado de Castelar, Craveirinha e João.

Lá em baixo, Frazão orienta a prisão de meia-dúzia de negros pela polícia, que os conduz para uma carrinha celular.

ANTÓNIO

Isto é inaceitável! O nosso comportamento e o
da polícia!

CASTELAR

Há de facto gente incendiária. O tipo um
fazendeiro, nem sequer é um militar...

CRAVEIRINHA

Aposto que vai ser o primeiro a sair da choldra.

CASTELAR

Talvez... Vais publicar?

CRAVEIRINHA

Sim, o que vi: um desrespeito total por qualquer
espécie de convivência...



ANTÓNIO

Com radicalismos não vamos lá...

CRAVEIRINHA

Nem com falinhas mansas à Salazar... Porque é que pensas que ele não põe cá os pés?...

ANTÓNIO

No meu cinema não há cidadãos de segunda.

João, sempre atento, intervém.

JOÃO

O bilhete do balcão é mais caro...

Craveirinha sorri.

ANTÓNIO

Sim, mas todos têm direito a ver o filme sem ser incomodados...

(para Craveirinha)

Zé, peço-te que leves um comunicado nosso à redação, um pedido de desculpas do Scala... E que haverá uma sessão grátis, entrada e circulação livre...

CRAVEIRINHA

Isso já é meia revolução!

(abraça o João pelo ombro)

Queremos cá estar para ver...

ANTÓNIO

Homem, considera-te convidado, dois bilhetes?...

CRAVEIRINHA

Três. Tenho cá uma fezada...

Castelar vira-se para António.

CASTELAR

António, vai ter que pensar bem nessa.

ANTÓNIO

Castelar, não é tolerável aquele tipo de comportamento, já basta o que basta...



CASTELAR

Misturar plateia e balcão só vai criar problemas.
Não aconselho... Pela minha parte, vou ver o que
posso fazer pelos homens que foram presos...

Frazão aproxima-se, ainda a tempo de ouvir a última frase do Castelar.

FRAZÃO

(em tom ligeiro)

O que é que os meus amigos estão aqui a
congeminar?

CRAVEIRINHA

Nada, estávamos indecisos entre tocar a recolher
ou cantar a Internacional...

FRAZÃO

Cuidado, Craveirinha, muito cuidado... Quem
avisa amigo é...

CASTELAR

(pondo água na fervura)

O Dr. Frazão conhece o Craveirinha. Não resiste
a uma boa piada!

CRAVEIRINHA

Uma boa-noite.

E afasta-se, logo seguido pelo João que o segue radiante.

37 INT. SCALA, SALA DE MONTAGEM - DIA

Noel, à mesa de montagem, imobiliza a imagem no rosto do João no écran. Olha para Navarro, a seu lado.

NAVARRO

Estamos com quanto tempo?

NOEL

Uma hora, pouco mais... Quando é que se vai
filmar o que falta?

NAVARRO

(enigmático)

Na tua opinião... O que é que nos falta?



Noel pega no guião anotado que tem em cima da mesa.

NOEL

Faltam 20 páginas... Toda a parte da Independência...

NAVARRO

Pois não sei... Tenho dúvidas. Falta essa parte porque levei uma golpada e fiquei sem dinheiro para a filmar. Agora... Tu, que estás a montar o filme, diz lá de que é que trata esta longa?...

Noel fica momentaneamente atrapalhado, mas rapidamente arrisca:

NOEL

Da educação sentimental e cultural de um puto chamado João Navarro... E de uma história de amor, um triângulo de amor...

NAVARRO

Ora, em 74 e 75, na altura da independência, o jovem Navarro já tinha ido estudar cinema para Portugal. E a história de amor, entre Carol, Castelar e Craveirinha já tinha terminado... Para que queremos então o resto?

NOEL

De facto o resto... seria mais discurso político do que cinema...

NAVARRO

Verdade... Mas falta qualquer coisa. E ainda não perdi a esperança de recuperar o dinheiro dos co-produtores...

(mais reflexivo)

O problema é que não temos tempo...

Noel observa-o com curiosidade.

NOEL

Tem alguma ideia na manga...

NAVARRO

(sorrindo)

Talvez... Continuamos amanhã?...



NOEL

Sim... Eu ainda fico um bocado. Tenho uns efeitos por fazer... A propósito, não há notícias do Rodrigo?

NAVARRO

Nada... Houve um telefonema... há uns dias, tive a certeza de que era ele, do outro lado, era o silêncio dele... só para me chatear. Depois desligou.

NOEL

Entre pais e filhos... O meu é teimoso como o caraças...

(Dá-se conta da gaffe e emenda:)

E eu não lhe fico atrás.

Navarro levanta-se.

NAVARRO

É isso. Mas pelo menos vê-lo todos os dias...

38 EXT. ESPLANADA DO MIRAMAR - DIA

Navarro toma um vermute na companhia de CABRITA, 55 anos, escritor e guionista, cabelo e barba arruivados, que por sua vez bebe uma cerveja.

Cabrita exhibe umas folhas fotocopiadas de um processo judicial.

CABRITA

Declara a queixosa:

(lê do auto judicial)

"Paguei ao Dr. Cabrita 2.000 dólares, pelos serviços prestados, e ele gastou-os em proveito pessoal"...

NAVARRO

(incrédulo)

Estás a gozar... Ela processa-te por tu gastares o teu dinheiro?

Navarro passa os olhos pelos papéis.

CABRITA

E com esse fundamento houve um artola de um Juiz que marcou o julgamento...



NAVARRO

Foi comprado, ou anda a papá-la...

CABRITA

Não tem ponta por onde se lhe pegue, enfim... E o filme, como é que está?

NAVARRO

É disso que te quero falar...

Tira do bolso uns papéis, e um livro com eles, o 'Assim falava Zaratustra', do Nietzsche.

NAVARRO (CONT'D)

Tenho andado stressado por causa disto do Scala... Vão estoirar com um edifício Arte Nova, para fazer um mamarracho... Sei que é um romantismo idiota mas...

Vasculha nos papéis.

CABRITA

Mas está decidido, vais vender, ficar rico, fazer mais filmes...

NAVARRO

Sim, era bom fazer uma longa sem estar sempre a pensar no dinheiro...

CABRITA

Que alternativa tens?

NAVARRO

Nenhuma.

(mais descontraído)

Se tivesse o dinheiro não vendia, só por pirraça...

CABRITA

Percebo... Queres adiar a morte...

(reparando no livro do Nietzsche)

E que é que fazes com o Nietzsche?

NAVARRO

Nunca li. Comprei-o no ano da Independência. Estava perdido no Scala...

CABRITA

É a altura certa para o leres, segundo esse livro tu estás no estado do Camelo, o animal que carrega o fardo da memória até ao fim do deserto, e que



por isso tem dois defeitos: o seu Não é um falso Não, é um "Não" de ressentimento, e o seu Sim também é um falso "Sim"...

NAVARRO
(brincalhão)

Porra, um bom camelo me saíste tu...
(exibe as notas que escreveu nos papéis)
Tive entretanto uma ideia para acabar o filme... E quero filmar já.

CABRITA
Resolveste o imbróglio com os co-produtores?

NAVARRO
Ainda não. Quero acabar o filme com os últimos dias do Scala. Assim fica o Moçambique do poder branco e da minha infância nos anos 60 e o país do poder negro nos dias de hoje. No mesmo filme.
(entrega-lhe os papéis)
Já alinhavei meia dúzia de cenas. Queres ver?

39 EXT. CASA DE NAVARRO, PISCINA - NOITE

É noite e Navarro nada vigorosamente na piscina.

Sai, enrola-se numa toalha, olha na direção da varanda, onde está o pai, a fumar um cigarro. Navarro calça umas havaianas e dirige-se para o interior.

40 INT. CASA DE NAVARRO, QUARTO DO PAI - NOITE

Navarro mete o pai na cama, com todo o cuidado. Beija-o na testa e sai do quarto. Apaga a luz do tecto, deixa ficar uma pequena luz de presença.

Tocam à porta. Navarro fica intrigado, já é tarde e não espera ninguém. Desce as escadas para ir abrir.

41 INT./EXT. CASA DE NAVARRO, ENTRADA - NOITE

Abre a porta e vê um desconhecido à porta de um táxi. É um TAXISTA mulato, de meia idade.



TÁXISTA 1

É o táxi que foi pedido...

NAVARRO

Não pedi táxi nenhum, deve ser engano...

TÁXISTA 1

Isto não é o número 508?

NAVARRO

É!

TÁXISTA 1

Então é aqui! Pediram um táxi, há dez minutos...

NAVARRO

Oiça, não vou discutir. Espere um momento...

Navarro reentra em casa, regressa com a carteira e dá uns meticais ao taxista.

42 INT. CASA DE NAVARRO, QUARTO - NOITE

Navarro dobra a ponta da página do livro 'Assim falava Zaratrusta' e prepara-se para dormir. Está sozinho. Verifica o rádio-despertador. Apaga a luz.

Nesse exacto momento, tocam à porta. Volta a acender a luz. Continuam a tocar. Decide levantar-se e dirige-se a uma janela.

Está um homem negro, o TAXISTA 2, desta vez jovem, à entrada.

NAVARRO

Boa noite!

TAXISTA 2

Boa-noite, é o táxi que foi pedido!

NAVARRO

(furioso)

Não pode ser. Você tem o número de quem lhe telefonou?

TAXISTA 2

Foi uma chamada da central, para vir aqui ao 508...



NAVARRO

Já vou descer. É capaz de ligar para a central,
para sabermos quem telefonou a pedir um táxi?
Reentra no quarto. O taxista 2 dirige-se para o
táxi.

43 INT./EXT. CASA DE NAVARRO, ENTRADA - NOITE

Navarro sai de casa e dirige-se ao táxi parado no passeio. O TAXISTA 2 fala pela rádio e recebe informação da Central:

VOZ DA CENTRAL (V.O.)

O pedido vem de um número privado.

NAVARRO

Era de esperar...

Navarro olha para o taxista. Para espanto dos dois, chega um terceiro táxi, e um terceiro TAXISTA sai do carro e aproxima-se.

44 INT. CASA DE NAVARRO, SALA - NOITE

Navarro está sentado num cadeirão da sala, na semi-obscuridade, com um copo de whisky na mão, quando Matilde entra em casa.

Ela acende a luz.

MATILDE

Ainda acordado? O que é que se passa? Estás
com um ar abatido!

NAVARRO

Não é abatido, é fodido mesmo. Uma partida de
muito mau gosto. Nas últimas duas horas vieram
cinco táxis bater à porta.

MATILDE

Como assim?...

NAVARRO

Dizem que foram chamados, de um número
anónimo, claro! Que deu a nossa morada.



MATILDE

Não pode ser. Quem faria uma coisa dessas?

NAVARRO

Assim de repente só me ocorre um: o sacana do advogado.

Tocam à porta de novo. Navarro e Matilde entreolham-se.

MATILDE

Eu vou lá agora!... E tu, desliga a campainha e sobe.

45 EXT. CASA DE NAVARRO, ENTRADA - NOITE

Matilde sai de casa e dirige-se para o táxi. Trata-se do Taxista 1, que baixa o vidro.

MATILDE

Desculpe, mas estão a brincar connosco... ninguém chamou nenhum táxi.

TAXISTA 1

Eu previno a Central, minha senhora. Eu disse, mas eles mandaram segunda vez. Sou taxista há 20 anos e nunca me aconteceu, mas que hei-de fazer?

MATILDE

(reentrando)

Previna lá a central que não está ninguém em casa! Boa-noite.

O táxi arranca.

46 INT. CASA DE NAVARRO, QUARTO - NOITE

Matilde, apenas com uma curta camisa de dormir e calcinhas, entra no quarto.

Navarro adormeceu com o livro nas mãos. Matilde retira-lho com cuidado. Apaga a luz do candeeiro à cabeceira, contorna a cama e deita-se.

Navarro dorme profundamente. Sonha:



47 INT. SCALA, SALA DE CINEMA - NOITE

Navarro desce a coxia da plateia na sala de espectáculos do Scala e, sob uma luz espectral, vinda do alto, vê que no palco o GRANDE DITADOR (personagem do filme de Charlie Chaplin, mas representado por um negro) se entrega como no filme original à coreografia da dança em torno de uma enorme mesa, com um balão representando o globo terrestre nas mãos.

Navarro avança, devagar, na direcção do palco, entre o surpreso e o maravilhado.

Sobe os degraus. O Grande Ditador tem o globo apoiado na ponta do indicador. Navarro dirige-se-lhe:

NAVARRO

Quando eu era miúdo, ou mesmo antes de eu existir, qualquer capitalista gostava de ser respeitado pelo mundo da cultura... Não era apenas um adorno, era um signo da civilização, e celebrada pela elite de qualquer país... Agora não. A cultura é apenas tradição. É o que está para trás. Que raio de lógica tem isto?

O Grande Ditador responde-lhe com uma careta e atira-lhe o globo para os braços. Foge em direcção à cortina de palco fazendo uma pirueta.

Navarro repara que o globo terrestre só tem desenhado o mapa de Moçambique.

Vindo do canto oposto em direcção à luz, o Pai que areia o soalho com serradura e pega numa vassoura.

NAVARRO (CONT'D)

Pai, largue a vassoura, não tem que fazer isso, vou chamar o Valentim...

PAI

Vai ficar tudo um brinquinho, Navarro, tu és o mestre de cerimónias...

NAVARRO

(olha em volta, incomodado)

Está tudo a cair da tripeça, Pai... As receitas não chegam para as despesas!...

PAI

Quando o salário de chefe de estação não bastava, abri uma fábrica de rolhas...

(mudando de registo, exultante)

O meu amigo Fred Astaire vai dançar neste palco...

NAVARRO

O Fred Astaire? O Pai é que era o rei do salão de bailes do Ferroviário...





PAI

Hoje já não se dança com aquele glamour...

Começa a trautear o "Singing in the Rain"... e executa uns pequenos passos de sapateado agarrado à vassoura. Depois, recomeça a varrer.

PAI (CONT'D)

Até os sonhos precisam da memória... é por isso
é que tenho de arear o chão...

Começa a varrer com mais afínco, levantando o pó.

Navarro dá por uma nova presença no palco.

É CLEÓPATRA, também ela negra, transportada numa cadeira por quatro homens negros.

NAVARRO

Cleópatra! Como é possível, também vieste!...
(embargado, apontando em volta)
Rainha, como posso eu trair tudo isto?...

Entram uma série de personagens (todos eles representados por negros) enquadradas por uma moldura:

Um REI-SOL, com peruca à século XVIII, o ESPERMATOZÓIDE do Woody Allen, uma mulher dos anos vinte com cabelo à LULU, de longo colar de pérolas e boquilha.

Os escravos negros poisam a cadeira de Cleopatra, que se levanta.

O Pai dança e canta, enquanto todas as personagens, incluindo Navarro, fazem de coro:

CORO

Money, Money, Money.
Es gran caballero el don dinero
A great peace of honey
El don dinero!

PAI

(mima o canto, em play-back)

Ele hesita, ele hesita,
deslebrado que o cinema
a vida imita
- o pobre,
Que já não sabe
o que é que excita.
Quem tanto cisma é cisne
e não ciné!
O cinema é acção,
se queres pensar



esquece o capilé e
compra um cão!
A memória faz renda
mas só o lucro rende
e sabe a menta!

CORO

Money, Money, Money.
Es gran caballero el don dinero
A great peace of honey
El don dinero

*Lembra-te ó artista,
que só a morte, a maldita,
O sim traz ao sim
e o não ao não.*

O Pai sai, sapateando, para fora do palco.

NAVARRO
(olhando o pai)

Como envelheceu!...

Entra o ASTRONAUTA do "2001: Odisseia no Espaço". Navarro interpela-o:

NAVARRO (CONT'D)
Temos futuro?

ASTRONAUTA
Para quê empilhar maçãs em tábuas que vão
arder?

NAVARRO
(para Cleópatra)
Vês, Cleópatra, até ele é um céptico!

CLÉOPATRA
(puxa para si a cara dele, ficam face a face)
Olha para mim! Que vês tu?

NAVARRO
Vejo uma mulher de sonho.

CLEÓPATRA
O problema é que mesmo nos teus sonhos queres
sempre duas coisas!



NAVARRO

Duas coisas?

CLEÓPATRA

Tu queres o dinheiro e a glória...

NAVARRO

Eu quero filmar, e só tenho feito institucionais...

CLEÓPATRA

Transforma este antro num lupanar!...

(com um sorriso sensual)

Em minha memória...

NAVARRO

(como se gritasse eureka)

Uma casa de putas! Sim, transformar o único cinema independente do país numa casa de putas! Teria mais receitas que despesas...

(imaginando um potencial cartaz)

"Casa de putas Cleópatra"

(olha para ela)

Quer dizer... talvez só "Cleópatra"...

Entra nesse momento D'ARTAGNAN (também um negro). Aponta a espada para Navarro e provoca-o:

D'ARTAGNAN

En garde!!

NAVARRO

(impaciente)

Mas que quer você agora?

D'ARTAGNAN

A excepção cultural! Que não seja tudo reduzido ao vil comércio!

(e incitando-o com a espada)

En garde!

Navarro assusta-se e pega na vassoura encostada à mesa.

NAVARRO

Eu? Mas eu era o teu maior fã!



O mosqueteiro não cede à conversa e ameaça-o com a espada, dando-lhe uma estocada na garganta.

D'ARTAGNAN

Ainda te lembras ou já esqueceste?...

48 INT. CASA DE NAVARRO, QUARTO - NOITE

Toca o rádio-despertador: são 8 horas. Navarro acorda, assarapantado. Olha para o lado, Matilde não está.

NAVARRO

Que raio de sonho...

Fica ainda deitado, de costas, olhos bem abertos.

49 INT. CASA DE NAVARRO, COZINHA - DIA

Na cozinha, Navarro deita leite no café. Está de pé, de shorts, camisola de alças e alpergatas.

Matilde entra na cozinha, depois do banho e já vestida.

MATILDE

Já a pé?...

NAVARRO

Vai ser um dia longo. E não dormi nada. Tive um sonho muito estranho...

MATILDE

Enquanto não te livrares do Scala vai ser assim.

NAVARRO

Assim como, o que queres dizer?

MATILDE

Noites mal dormidas.

NAVARRO

Não gosto que me digam o que devo fazer.

MATILDE

Nós sabemos. E ninguém gosta. Pergunta ao teu filho.



NAVARRO

(impaciente)

Não vamos começar, pois não?

MATILDE

(conciliadora)

Não, não vamos. E tenho a certeza de que ele
está bem. Tirou um tempo, foi só isso.

Navarro sorri, como se pensasse noutra coisa.

NAVARRO

Há um poeta português, o Alexandre O'Neill...

MATILDE

Sei... O que é que tem?

NAVARRO

Li numa biografia... Estava a chover, e o pai disse-
-lhe: leva o guarda-chuva...

Matilde serve-se de um café e acende um cigarro.

NAVARRO (CONT'D)

Ele respondeu: não vou precisar. Leva um guarda-
chuva, se faz favor, ordenou o pai... E o O'Neill,
ainda não tinha feito vinte anos, respondeu: Pai...
Não levo o guarda-chuva e nunca mais ponho os
pés nesta casa!...
Ambos riem.

MATILDE

Vês? Podes enfiar a carapuça!...

NAVARRO

Sem dúvida. Nunca pensamos que um dia vai
acontecer connosco...

(mudando de assunto, e meio alheado)

Preparas-me um banho? Vou ter que me
despachar...

MATILDE

(espantada, mas complacente)

Estamos de volta aos velhos hábitos africanos?
Já estava de saída, mas que não seja por isso...



NAVARRO
(imprevistamente)

Tu achas que somos, tu e eu, pessoas decentes,
pessoas que se amam?

MATILDE
(desagradada)

Repete lá...

NAVARRO

Esquece!

MATILDE
Essa conversa... A noite mal dormida, pôs-te
com a mosca...

NAVARRO
Tens andado fugidia, é só isso.

MATILDE
Fugidia?... Sabes o que é uma depressão? A
minha irmã está com uma em cima.

NAVARRO
Mas ainda não resolveram isso?

MATILDE
A traição do marido?...

NAVARRO
Aquele gajo saiu-me cá um Dom Juan...

MATILDE
(não se contém)
E tu, já superaste a tua enfatuação pela actriz do
filme?

NAVARRO
(‘picado’)
Outra vez?! Deixa a Carol em paz.

Matilde apaga o cigarro na chávena de café.

MATILDE
Eu deixo. E prepara tu o banho. Ou toma lá na
Madame Wang!...

NAVARRO
Matilde!...





Ela sai da cozinha. Navarro sente um ligeiro desequilíbrio e ampara-se com a mão à bancada.

50 EXT./INT. SCALA, FACHADA E ÁTRIO - DIA

Navarro sobe os degraus de acesso ao Scala, atravessa uma pequena porta lateral e entra no átrio.

Cruza-se com um mulato que não reconhece. O mulato desce as escadas, desvia o olhar e sai lesto para o exterior.

Navarro olha para a cadeira vazia do Valentim.

NAVARRO
 (irritado, chama)
 Valentim!... Valentim!!...

Sobe as escadas. Espreita em diversos espaços e corredores, sem encontrar ninguém.

Atravessa uma área exterior com acesso a uma portinhola de ferro que vai dar às águas-furtadas por trás do palco.

Sai uma JOVEM NEGRA, roliça, ainda a compor o vestido justo nas coxas. Olha-o, como que à espera.

NAVARRO (CONT'D)
 O Valentim?

JOVEM NEGRA
 Tá aí dentro com a Suzette.

NAVARRO
 Vai lá chamar.

Ela hesita.

Valentim aparece na companhia de uma segunda mulher negra, um pouco mais velha, menos cheia, mas com um vestido igual.

NAVARRO (CONT'D)
 E agora, Valentim? Estás-me a ver agora?

Valentim não responde logo. A jovem puxa pela mão da mais velha e saem apressadas.

NAVARRO (CONT'D)
 (ainda para Valentim)
 Vês ou não vês?

VALENTIM
 Eu vejo, patrão. Se o patrão falar eu vejo. É feitiço
 que me deitaram.





NAVARRO

E também é feitiço trazes o putedo cá para casa? Quanto é que te pagam pelo serviço?

VALENTIM

(pesaroso)

Era só hoje, patrão... Não tem mais...

NAVARRO

(lembrando o sonho)

Razão tinha a Cleópatra... Isto já é uma casa de putas!

VALENTIM

(atreve-se)

Posso ir?...

51 INT. PENSÃO, QUARTO - DIA

Anos 60.

Craveirinha e Carol, despidos, fazem amor na cama de um quarto de pensão.

CRAVEIRINHA

Um dia sem te ver é um dia a menos de liberdade...

CAROL

Fala mais, amor...

Craveirinha, ofegante, movimentando-se sobre Carol, recita uns versos de Camões:

CRAVEIRINHA

Pode um desejo imenso... Arder no peito tanto?...

52 EXT. CAFÉ CONTINENTAL - FIM DE DIA

Esplanada do café ao fim do dia. Diversos grupos, civis e militares, sobretudo homens.

Um JORNALISTA, 40 anos, cabelo farto que afasta repetidamente dos olhos, conversa com intimidade com um MARUJO. Bebem cerveja.

JORNALISTA

Há mar e mar e há ir e voltar... É um ótimo slogan, que diz muito quase nada dizendo.





Acende um cigarro. Pousa a mão sobre a mão do marujo, que a retira de imediato.

JORNALISTA (CONT'D)

E também gosto muito deste: Melhor é experimentá-lo que julgá-lo... O que é que seria de nós sem os poetas?...

Alguém, doutra mesa, toca no ombro do Jornalista.

CANSADO GONÇALVES

Guilherme, empresta aí o isqueiro...

CANSADO GONÇALVES é um homem branco já perto dos 60 anos, olhar vivo, que está na companhia de António, o gerente do Scala, e do jovem João. Os dois primeiros bebem cerveja, João uma Coca-cola.

JORNALISTA

(passa o isqueiro por cima do ombro e diz para Cansado)

Tem uma volta na ponta!

Através da passagem do isqueiro do jornalista para Cansado Gonçalves ficamos com o diálogo e a acção nesta segunda mesa.

Cansado mete-se com João:

CANSADO GONÇALVES

Então, o Craveirinha deixou-te apeado?

ANTÓNIO

O homem anda muito ocupado...

JOÃO

(exibindo um livro de poemas de Reinaldo Ferreira)
Vinha só devolver-lhe um livro...

CANSADO GONÇALVES

O grande Reinaldo Ferreira!... Gostaste?

Cansado Gonçalves acende uma cigarrilha e pousa o isqueiro na mesa.

JOÃO

Nunca tinha lido nada assim.



ANTÓNIO
(recita, de memória)

'Tome-se um homem,
Feito de nada, como nós,
E em tamanho natural.
Embeba-se-lhe a carne,
Lentamente,
Duma certeza aguda, irracional,
Intensa como o ódio ou como a fome.
Depois, perto do fim,
Agite-se um pendão
E toque-se um clarim.
Serve-se morto'.

CANSADO GONÇALVES
Receita para fazer um herói. Em cheio!

ANTÓNIO
A propósito, diz-se que o Guevara foi morto na
Bolívia...

CANSADO GONÇALVES
É uma triste notícia.
(de novo para o João)
E o que é que lêes mais? Um homem não vive só
de poesia...

JOÃO
(desafiante)
Também gosto de quadradinhos!

CANSADO GONÇALVES
Também é importante. Ler e ver, quase a mesma
coisa... Hoje estou capaz de ir ver o Bonnie and
Clyde.

JOÃO
Já vi.
Cansado Gonçalves ri-se.

ANTÓNIO
Não vás hoje.

Cansado Gonçalves e João olham para António.

ANTÓNIO
Vou fazer uma sessão privada, sem cortes...





CANSADO GONÇALVES
A fintar a Comissão de Censura!

ANTÓNIO
A pedido de várias 'famílias', entre elas algumas
da 'situação' e da própria censura...

Cansado Gonçalves dá uma gargalhada.

JOÃO
Então vou ver outra vez!

Um militar na mesa ao lado, por gestos, pede o isqueiro que está na mesa, e automaticamente, sem pensar
nisso, João passa-lho.

Através da passagem do isqueiro, acompanhamos a acção e diálogo numa terceira mesa.

Nela confraternizam 3 furriéis portugueses e um soldado raso negro. Há uma encomenda sobre a mesa,
por abrir.

FURRIEL 1
O padre da minha aldeia dizia sempre: "conserva
o coração de um menino e serás um menino
ainda que tenhas pêlo nas ventas..."

FURRIEL 2
(o que tem o isqueiro, apontando a encomenda)
Que é que tens aí?

FURRIEL 3
Fui buscar há bocado, também não sei o que é.
O meu primo Raimundo, está na Guiné e é um
bocado amalucado... Empresta aí o isqueiro.

O outro passa-lhe o isqueiro.

FURRIEL 3 (CONT'D)
Isto não há cá segredos entre a malta...

Serve-se do isqueiro para queimar o cordel que ata a encomenda e depois abre a caixa.

É um frasco, com uma orelha negra dentro, e que tem uma etiqueta: Orelha dum Turra.

FURRIEL 2
Foda-se!

FURRIEL 1
(olhando, incomodado, à volta)
Esconde isso, ó Mendes, isto está cheio de
jornalistas...





FURRIEL 2

Que mau gosto!

FURRIEL 3

A orelha dum turra... Eu não disse que o gajo era
maluco?

Volta a embrulhar o frasco. O soldado raso negro nada diz.

FURRIEL 2

(olhando para o soldado negro)

Amanhã vamos para o mato.

FURRIEL 1

Eu pago a próxima rodada!

O Furriel 3 devolve o isqueiro ao Furriel 2. Ele olha em volta, já não sabe a quem o pediu.

Na mesa do Jornalista e do Marujo, o primeiro puxa dum cigarro e mete-o na boquilha. Olha à sua volta à procura do isqueiro que vê na mão do furriel.

JORNALISTA

(para o Furriel 2)

Ei, esse isqueiro tem dono!...

(o militar devolve-lhe o isqueiro)

É um isqueiro muito viajado...

O Jornalista acende o cigarro e regressa à conversa com o Marujo:

JORNALISTA (CONT'D)

Onde é que eu ia?... Ou melhor, onde é que nós
íamos?... Ao cinema, ver o Bonnie & Clyde!...

53 EXT. PENSÃO, QUARTO - DIA

O inspector Frazão engraxa os sapatos num engraxador de rua, enquanto folheia um jornal. Olha para a fachada da pensão defronte: 'PENSÃO ESPERANÇA'.

54 INT. PENSÃO, QUARTO - DIA

Craveirinha espreita para a rua através da fresta entre as cortinas do quarto da pensão. Vê o Frazão.



Carol, ainda nua e enrodilhada no lençol, olha para Craveirinha, de shorts e tronco nu, que fuma um cigarro e regressa à cama.

CRAVEIRINHA

Aquele Frazão tem olhos para tudo...

Apaga o cigarro num cinzeiro à cabeceira.

CAROL

É um cobiçoso. O nosso amor não é caso de polícia... Ou é?

CRAVEIRINHA

(sorri)

Ainda não.

Debruça-se, enamorado, para Carol e beija-a. Depois senta-se na cama.

CRAVEIRINHA (CONT'D)

Donde é que conheces o Frazão?

CAROL

É amigo do Castelar. Quer dizer, é um conhecimento, o Castelar é um democrata...

CRAVEIRINHA

Sei. Ouvei dizer que ia divorciar-se...

(com cinismo)

Já não vive com a mulher.

O tema não agrada a Carol.

CAROL

Também ouvi. Tens ciúmes?

CRAVEIRINHA

É o pai do teu filho.

CAROL

E tem cumprido. Tu, se gostasses mesmo de mim, também largavas tudo.

CRAVEIRINHA

A Maria é um caso completamente diferente.



CAROL

Ai é?...

CRAVEIRINHA

É. Sou tudo o que ela tem, e deu-me os meus filhos.

CAROL

Tu, o mais encantador e fiel dos homens.

CRAVEIRINHA

A tua dor é a minha dor.

CAROL

Não chega. Quero tudo para mim. Não quero só filhos..

CRAVEIRINHA

E hás-de ter.

Debruça-se de novo sobre ela, beijam-se, acariciam-se, rolam na cama.

55 EXT. CASA DE MASSAGENS WANG - DIA

Navarro sai do carro, atravessa a rua e dirige-se ao estabelecimento de massagens de Madame Wang, afasta o portão metálico e segue pelo empedrado até à porta. Toca à campainha.

56 INT. CASA DE MASSAGENS WANG, RECEPÇÃO - DIA

A porta abre-se automaticamente e Navarro entra no estabelecimento. À esquerda por detrás do balcão está Madame Wang.

NAVARRO

Olá, Madame Wang...

MADAME WANG

Navarro... Você não ligou.

NAVARRO

Não, foi uma coisa do momento.

MADAME WANG

Carol não está.



NAVARRO
(desiludido)

Não está?

Madame Wang abana a cabeça.

MADAME WANG
Há dois dias que não vem.
(sugere)
Quer outra rapariga?...

Uma chinesa encontra-se sentada na parede ao fundo.

NAVARRO
Não, era mesmo com ela. Fica para a próxima.

Já se prepara para sair quando Madame Wang o chama:

MADAME WANG
Navarro...

NAVARRO
Sim?...

MADAME WANG
Aquele homem voltou a aparecer na vida dela.
Muito mau, Navarro.

NAVARRO
(preocupado)
Sim, eu sei... Telefone?

MADAME WANG
Desligado.

Ela pega num cartão e escreve uma morada. Estende-lhe o cartão.

NAVARRO
(já saíndo)
Obrigado.

57 INT. CASA DE NAVARRO, VARANDA - NOITE

Navarro sentado na varanda diante de um tabuleiro de xadrez, com um copo de whisky na mão. Estuda uma jogada, sem mexer uma peça.



O Pai está sentado num cadeirão, com um copo de limonada na mão, que bebe aos pequenos goles.

O papagaio agita-se no poleiro.

Sem olhar para o Pai, Navarro pergunta:

NAVARRO

Pai, vendo o Scala?

PAI

(bebe, e responde)

Quem és tu?

NAVARRO

Ninguém, pai... Nem sequer o mensageiro...

Navarro faz subitamente um movimento do bispo e põe em xeque a rainha.

NAVARRO (CONT'D)

Xeque!

Continua a olhar para o tabuleiro. Repentinamente, o Pai diz:

PAI

É a tua última jogada?

Navarro reage naturalmente, sem surpresa, à fala do Pai:

NAVARRO

Estou em vantagem...

PAI

Pura ilusão. És um jogador nato. Se fosses mais despojado talvez revertesse a teu favor.

Falam sem olhar um para o outro, quase mecanicamente.

NAVARRO

É preciso jogar em antecipação para ser vencedor.

PAI

Enganas-te. Tornaste-te demasiado previsível.

NAVARRO

Talvez.

Navarro inverte o tabuleiro e estuda a próxima jogada. Bebe um gole de whisky. Navarro olha para o pai.



NAVARRO (CONT'D)

Há quanto tempo o pai não vê o mar? Deixe-me ver livre de toda esta trapalhada e vamos ver o mar. Quer, pai?...

O pai não responde, dá um pequeno gole na limonada.

58 EXT./INT. SCALA, ENTRADA - DIA

Navarro dirige-se ao Scala, entra.

Valentim está sentado numa cadeira diante de uma arca. Tem uma argola com um monte de chaves na mão, que vai experimentando na fechadura da arca.

Não dá conta da presença de Navarro, que encolhe os ombros e sobe as escadas.

59 INT. SCALA, GABINETE DE NAVARRO - DIA

Navarro está sentado à secretária, vê o mail no laptop. Entra Marieta com um café e a correspondência do dia.

MARIETA

Bom dia, boss.

NAVARRO

Bom dia, Marieta.

MARIETA

O Noel está na montagem à tua espera.

NAVARRO

Sim, já vou. Não há notícias do Renato?

MARIETA

Ainda não. Mas há notícias do dinheiro do carvão, já transferiram.

NAVARRO

Ótimo.



MARIETA

Deixo-lhe a correspondência...

(vê carta uma a uma)

Banco, banco, factura, seguros... Tem uma sem remetente, só com nome estrito à mão, João Navarro...

Marieta passa-lhe o envelope.

Navarro, intrigado, rasga o envelope e depara com uma folha preenchida com letras de imprensa, recortadas e coladas, com a seguinte frase:

"JÁ SABE ONDE ESTÁ O RODRIGO?"

NAVARRO

(levantando-se)

Olha isto...

Navarro passa a folha à Marieta.

MARIETA

O que é que significa?

NAVARRO

Como é que veio?

MARIETA

Com a outra correspondência, misturado...

Navarro move-se no gabinete como que enjaulado.

NAVARRO

O que é que hei-de pensar disto?

MARIETA

Não pedem resgate...

NAVARRO

Pois não. Nem dizem se é rapto. Só informam que está bem e deixam-me em pausa...

MARIETA

É melhor dar à polícia...

NAVARRO

À polícia? Não... Tu sabes quem está por detrás disto?



MARIETA

Como hei-de saber, Navarro?...

NAVARRO

Tenho encontro com o misterioso Dr. Leopoldo Vaz hoje ao fim do dia... Talvez nessa altura saiba alguma coisa mais...

MARIETA

O que é que o Rodrigo tem a ver com a venda do Scala?...

Navarro olha para ela e esboça um sorriso.

NAVARRO

É o meu único filho. Que não dá notícias. E hoje, precisamente hoje, recebo isto...

(exibe a folha com a frase inscrita)

É muita coincidência.

60 INT. SCALA, SALA DE MONTAGEM - DIA

Na mesa de montagem vemos uma cena nocturna, em exteriores:

João, na companhia de Carol, tem uma máquina fotográfica ao pescoço e leva uma coronhada. A imagem pára.

Sentados à mesa de montagem estão Noel e Navarro. Noel comenta:

NOEL

Navarro, estive a ler umas coisas da história do país e...

NAVARRO

Desembucha!

NOEL

É toda esta sequência nos caminhos de ferro... A história do pangolim é bonita, o Craveirinha está danado por causa da Carol, etc., mas nada disto podia ter acontecido com os guerrilheiros!

NAVARRO

Não é bom?

NOEL

É bom, mas o combate nunca esteve às portas de Maputo. De Lourenço Marques...



NAVARRO

(sorrindo)

Nunca ouviste a máxima do John Ford? "Quando a lenda é mais interessante que a realidade, imprima-se a lenda"!...

Ouvem-se umas pancadas abafadas. Navarro e Noel imobilizam-se, atentos. Soam novas pancadas.

NAVARRO (CONT'D)

Outra vez as pancadas... E é cá dentro do Scala!

NOEL

Pois parece.

NAVARRO

Vem daí!

61 INT./EXT. SCALA, DIVERSOS ESPAÇOS - NOITE

Navarro e Noel avançam por um corredor. Navarro retira de um armário uma lanterna. Ao longe, ouve-se o mesmo som cavo, que ressoa.

NAVARRO

Um rato não é...

NOEL

Parece debaixo do palco...

NAVARRO

Ya, vamos...

Vasculham a ala direita do edifício, o alçapão sob o palco, salas e corredores, sem nada encontrar. O som de pancadas, com intervalos, mantém-se. A dado momento ouvem-no paredes meias.

NaVARRO (CONT'D)

Será naquela divisão ao lado da bilheteira lateral que está emparedada?

NOEL

Eu aqui perco-me.

NAVARRO

Só pode ser... Já não entro lá vai anos... Era onde guardávamos material obsoleto dos filmes... Que foi comido pelos ratos... Eram bem mais silenciosos.



Saem do edifício e entram num corredor lateral. À medida que avançam o barulho intensifica-se.

Chegam a uma porta, encostada, e pela frincha vê-se uma luz débil. Abrem-na devagar.

Lá dentro, muito compenetrado, à luz de um lampião poisado no chão, está um homem branco de 40 anos, RENATO, vestido com um fato de macaco com alças, que de picareta em riste escaqueira uma parede de tijolo e examina os alvéolos, um a um.

Navarro e Noel entreolham-se e interrogam-se, perante aquele insólito. Navarro passa a lanterna a Noel e empunha um pau que está encostado a uma viga. E berra:

NAVARRO (CONT'D)

Renato!, tu larga-me essa merda da picareta e volta-te muito devagar...

Renato vira-se e olha para Navarro, de pau em punho e cara de poucos amigos.

Poisa a picareta e abate-se sobre um caixote de madeira. Limpa o suor da testa, ombros descaídos, como se no fundo estivesse aliviado...

RENATO

Também já estava quase a desistir...

Navarro olha em volta e vê que três das paredes já estão completamente escavacadas.

NAVARRO

Mas que porra é esta?... O que é que tens na cabeça? É melhor dizeres a verdade, para eu decidir se te levo à polícia ou não...

Renato, de cabeça baixa, respira fundo.

RENATO

O meu pai antes de morrer contou-me que tinha achado uma mina em Manica e que tinha feito um mapa que escondeu aqui, no buraco de um tijolo...

NAVARRO

Desculpa lá, se ele achou uma mina, porque é que esteve a trabalhar connosco mais de dez anos?...

RENATO

(ganha folêgo)

Ele achou-a com mais outro. Um dia o sócio ficou tapado no buraco e o meu pai não fez nada para o salvar...



NOEL
(incrédulo)

O teu pai, aquela paz de alma que eu conheci?

NAVARRO

A minha alma está burra.

RENATO

A ideia era ficar em Maputo por uns tempos e depois voltar à mina... Sempre teve medo, tinha muitos pesadelos... sonhava com o espírito do defunto... Quando lhe apareceu o cancro, contou-me a mim, como se fosse a sua herança...

NAVARRO

Putá de herança. E estava aqui, o mapa?

RENATO

Num tijolo... ele disse que estava "na" parede...

NOEL

E não achaste nada?

Renato abana a cabeça.

Navarro começa a sorrir e depois solta umas boas gargalhadas.

Renato e Noel ficam espantado com a reacção de Navarro.

NOEL (CONT'D)

O que é que lhe dá vontade de rir?...

NAVARRO
(recompondo-se)

O português do teu pai foi sempre um desastre. Ele queria dizer "encostado à parede" e não "na parede"... Estas paredes têm sessenta anos... Guardámos aqui umas fiadas de tijolos...

(faz 'aspas' com as mãos)

..."encostadas à parede". Foram usados nas últimas obras que fizemos ao edifício há anos... Queres derrubar o edifício todo?

(mordaz)

O melhor é ires para chefe de obras, se eu vender esta merda! Talvez tenhas sorte!

NOEL

Vai-te correr mal, Renato.





NAVARRO
(bem disposto)

Olha, pega nas tuas coisas e leva a picareta para Manica que não te quero pôr mais a vista em cima...

Renato não responde.

NAVARRO (CONT'D)
(para Noel)

Noel, temos coisas mais urgentes por fazer...

62 INT. CAFÉ CONTINENTAL - NOITE

Anos 60.

João, agora com 15 anos, está na companhia de Craveirinha e Cansado Gonçalves. Estes dois discutem, João assiste. Tem uma máquina fotográfica ao pescoço.

CRAVEIRINHA

A minha opinião é muito singela. O Estado Novo cai de podre, mais dia menos dia, pena não ter sido ontem...

CANSADO GONÇALVES

E entretanto cruzamos os braços, é isso?

CRAVEIRINHA

Faz-se o que se pode, a cada um as suas capacidades. De tudo é feito o homem novo, camarada Gonçalves... Até de desilusão...

CANSADO GONÇALVES

(para o João)

Tu não vás na conversa deste gajo, João. O poeta tem também de ser um homem de acção... Ah é verdade, trouxe-te o livro de que te falei....

Tira do bolso um pequeno livro com a capa tapada por uma banda desenhada do Pato Donald. João abre o livro, é o Livro Vermelho de Mao Tse Tung. João guarda-o imediatamente no bolso.

A atenção de Craveirinha está na entrada, onde aparecem Carol e Castelar. Carol tem uma barriga de três meses de grávida. Craveirinha levanta-se para os cumprimentar.





CRAVEIRINHA
(beija a mão de Carol)
Os meus parabéns! Quando é o casamento?

É Castelar quem responde com prontidão:

CASTELAR
Ainda não apazámos... Vamos anunciar em breve.

CRAVEIRINHA
(olha para barriga de Carol)
Quanto tempo tem a boa nova?

CAROL
Três meses.
(para João)
Olá, João!

CRAVEIRINHA
(insiste, provocador)
Três meses? Parece mais.

João intervém:

JOÃO
Carol, viste aqui no jornal a notícia sobre o Pangolim que apareceu no bairro ferroviário?
(mostra o jornal a Carol)
Como é que o bicho se chama em ronga?

CAROL
Alakavuma...

CRAVEIRINHA
(para Castelar)
E sabem o que significa para o povo? É o anunciador da chuva, e por isso da boa nova...

CASTELAR
(vendo alguém conhecido)
Queiram desculpar-me...

CRAVEIRINHA
(para Carol, em surdina)
De quem é esse filho?...



CAROL

(furiosa, mas contendo-se)

Se não estivéssemos aqui, Zé, levavas uma chapada! Como te admites!?

Sentam-se junto de João e Cansado Gonçalves, ocupando o grupo duas mesas.

CANSADO GONÇALVES

As escamas do pangolim são cobiçadíssimas na China pelos maridos das adúlteras, dizem que é pior do que pau de Cabinda, isto é, melhor... Em pó levanta o porrete de uma estátua... Desculpa, Carol...

CRAVEIRINHA

Daí que um pangolim no mercado não valha menos de 600 dólares!

Entretanto Castelar reaproxima-se e senta-se juntando-se ao grupo.

JOÃO

A sério?

(desafiador)

Ninguém quer ir ao bairro ferroviário à caça do pangolim?

CAROL

Eu alinho contigo!

CRAVEIRINHA

Tem de ser de noite... de noite é que ele procura a formiga...

CAROL

(para o João)

Vamos?

CASTELAR

Tá lá quietinha!

Carol olha para Castelar, desafiadora.

CRAVEIRINHA

A ideia do miúdo não é má. O pangolim é belo pitéu... Eu conheço o tipo das oficinas, ele abre-nos os portões... eu também alinho...





CANSADO GONÇALVES
Eu guardo-vos aqui o lugar...

63 EXT. CAMINHOS DE FERRO - NOITE

O grupo, constituído por Craveirinha, João, Castelar e Carol avança pelas instalações do Caminho de Ferro. Está escuro, Craveirinha e João empunham lanternas. Carol e Castelar na retaguarda.

CAROL
Se queres uma mulher obediente, pede uma à
nossa senhora de Fátima...

CASTELAR
Arre, que és de raça!

CAROL
É para veres o que a casa gasta... Arrependido?

CASTELAR
Ó amor, pára com isso!

CRAVEIRINHA
Eh, eh, parem lá vocês com isso... ainda nos
espantam o bicho...

JOÃO
(apontando)
Uma sombra ali, por detrás da carruagem...

João adianta-se.

Apressam-se atrás dele, excepto Carol que fica um pouco para trás. Eles desaparecem por detrás de uma carruagem.

Carol vai pelo outro lado e de repente ouve um estalido nas suas costas e olha para trás. Um GUERRILHEIRO 1 aponta-lhe uma arma:

CAROL
(assustada)
Eh, que é isso? Não vê que estou grávida?

GUERRILHEIRO 1
Quieta e calada!... Não vou fazer mal.

Carol vira-lhe as costas para gritar por Castelar:





CAROL

Castel...

O Guerrilheiro tapa-lhe de imediato a boca por detrás.

GUERRILHEIRO 1

Eu disse calada!

Por detrás da carruagem aparecem Craveirinha, Castelar e João, ameaçados por outros dois GUERRILHEIROS.

CASTELAR

Estás bem, Carol?...

O Guerrilheiro 1 solta-a. Ela diz que sim a Castelar com um gesto.

João vem agarrado à cabeça, donde jorra sangue (anteriormente visto na mesa de montagem).

GUERRILHEIRO 1

Que se passou?

GUERRILHEIRO 2

Tentou fugir...

GUERRILHEIRO 1

(aponta para máquina fotográfica)

Tirou fotografia?

O Guerrilheiro 2 abana a cabeça negativamente.

Carol junta-se aos amigos. O terceiro guerrilheiro junta-se ao primeiro e conferenciam.

Craveirinha sossega Carol.

CRAVEIRINHA

Estes são dos nossos. E não vieram à caça do pangolim...

JOÃO

A Frelimo aqui?...

O Guerrilheiro 1 aproxima-se. Faz um sinal ao Guerrilheiro 3 para que baixe a arma. Dirige-se directamente a Craveirinha.

GUERRILHEIRO 1

Eu sei quem você é.

CRAVEIRINHA

E não vai poder dar entrevista?...



GUERRILHEIRO 1

Queiram fazer o favor...

E indica o interior de um vagão próximo. Eles sobem, auxiliando-se uns aos outros.

GUERRILHEIRO 1 (CONT'D)

Desculpem o incómodo. Fica para outro dia essa entrevista, Craveirinha...

Craveirinha, João, Castelar e Carol olham para o Guerrilheiro 1, enquanto os outros dois guerrilheiros correm a porta do vagão.

Craveirinha ainda vai a tempo de dizer numa espécie de saudação:

CRAVEIRINHA

Kanimambo, camarada!...

A porta fecha-se sobre eles.

64 INT. CAMINHOS DE FERRO - NOITE

Carol e Castelar escorregam pela parede do vagão e sentam-se.

CASTELAR

Vai ser uma longa noite...

CRAVEIRINHA

Há noites mais longas... O colonialismo ou o fascismo, por exemplo. Pergunto-me que fazem três guerrilheiros longe do mato?

CAROL

(com entusiasmo)

Será que vai sair alguma coisa no jornal?...

CRAVEIRINHA

De certeza que é secreto.

(mudando de assunto)

E então? Desta vez vai ser uma menina?

CASTELAR

Eu gostava.

CRAVEIRINHA

João, esse teu galo ainda canta?



João não responde, olha fixamente para um canto do vagão.

JOÃO

Mexeu-se qualquer coisa, um bicho qualquer...

CRAVEIRINHA

Querem ver?...

Todos se aproximam. Craveirinha aponta o foco da lanterna.

Num canto do vagão, entre duas grades de cervejas vazias, está o pangolim.

65 EXT. CASINO, ENTRADA - FIM DE DIA

Navarro, vestido mais formalmente, dirige-se ao interior do Casino e é cumprimentado pelo Porteiro.

66 INT. CASINO, RESTAURANTE - NOITE

Navarro é conduzido pelo Chefe de Sala. Vê o advogado Muianga, sentado sozinho. Navarro põe um semblante de desagrado. Aproxima-se.

Muianga levanta-se e cumprimenta-o.

MUIANGA

Muito gosto em revê-lo, Navarro...

NAVARRO

O Dr. Leopoldo Vaz?

MUIANGA

(convidando-o a sentar-se)

Um ligeiro atraso, não deve tardar.

Sentam-se ambos. Navarro tira do bolso uma folha de papel.

MUIANGA (CONT'D)

Ele também quer conhecê-lo. Ambos são homens de business, têm tudo para se entender.

Um empregado de mesa apresenta uma garrafa de vinho ao advogado. Ele acena que sim. O empregado serve os copos. Muianga prova.



MUIANGA (CONT'D)

Um bom vinho português...

Navarro não responde, nem bebe. Desdobra a folha que tem nas mãos, é a mensagem de letras recortadas e coladas sobre o filho.

NAVARRO

E se começasse por me dizer qualquer coisa sobre isto?...

Estende-lhe a folha, o advogado pega-lhe e lê. Depois olha para Navarro.

MUIANGA

Compreendo... Há muito que não tem notícias do filho.

(devolve a folha)

Estamos informados.

NAVARRO

E não faz ideia de quem é o autor disto...

MUIANGA

Se fosse a si não mencionava esse pedaço de papel ao Dr. Leopoldo Vaz...

Navarro olha intensamente para ele sem ripostar. Dá um gole no vinho. Depois levanta-se.

NAVARRO

Queira desculpar-me, volto já...

Afasta-se em direcção aos lavabos.

67 INT. CASINO, CASA DE BANHO - NOITE

Navarro molha a cara, na casa de banho, e diz à sua imagem no espelho:

NAVARRO

(off)

Vou jogar tudo no vermelho... Se perder vendo.
Se ganhar não vendo.



68 INT. CASINO, ROLETA - NOITE

Navarro, junto à roleta, mete as suas fichas no 18, vermelho.

A roleta rola perante o olhar de Navarro e dos outros jogadores mas o plano acaba sem sabermos se ele ganhou ou não.

69 INT. CASINO, RESTAURANTE - DIA

Navarro está sentado de novo à mesa diante do DR. LEOPOLDO, 50 anos, óculos, cabelo aparado rente, fato de cor cinzento claro de bom corte.

Um empregado serve os pratos. Navarro fala directamente para o empresário, que está ladeado pelo advogado Muianga.

NAVARRO

A minha resposta é não. Foi-nos legado um património e é esse património que temos de cuidar... Sempre gostei de relógios, enchi o Scala com relógios e cada um com sua hora eternizada. A hora em que o primeira homem pisou a lua... A hora que soube da prisão de José Craveirinha... A hora do último beijo de Bonnie e Clyde, a hora em que nasceu o meu filho... A hora em que Samora Machel entrou pela primeira vez no Scala...

Muianga está estupefacto. O Dr. Leopoldo mantém-se imperturbável.

NAVARRO (CONT'D)

...é também esse património. Vocês não sabem o que é porque sofrem de amnésia... O país sofre de Alzheimer... vocês querem esquecer...

Muianga parece ter intenção de intervir. Navarro pára-o com um gesto, sem tirar os olhos do Dr. Leopoldo.

NAVARRO (CONT'D)

Sabe o que é que o poeta Craveirinha me disse um dia e não tem preço? "Não se muda facilmente o coração para o ramo da construção!É."

Navarro pousa o guardanapo, levanta-se e afasta-se perante o olhar impávido do Dr. Leopoldo.

O advogado Mainga ainda se levanta, como que para o fazer parar, mas logo desiste.



70 INT./EXT. CARRO DE NAVARRO, BATELÃO - DIA

Navarro, muito bem disposto, ao volante do carro, conduz na direcção do batelão que atravessa o rio.

A seu lado está Matilde, e no banco detrás o Pai (nas costas de Navarro) e o guionista e amigo Cabrita. Aproximam-se do local da travessia do rio.

CABRITA

Resumindo: deste o teu grito de Ipiranga -
independência ou morte - e agora vais ver como
é que te safas...

MATILDE

Safa-se sempre, infelizmente...

NAVARRO

(rindo)

Eu pagava só para ver a cara do gajo!

MATILDE

E não vais pagar? Há uma cláusula de
indenização no contrato...

NAVARRO

Há, mas não é isso que me preocupa...

(fazendo gesto)

Embora esticar as pernas...

O batelão, cheio com meia dúzia de viaturas, começa a afastar-se da margem.

Navarro, Matilde e Cabrita saem, o Pai fica no carro.

NAVARRO (CONT'D)

(para Cabrita)

Ontem recebi uma carta anónima, a perguntar se
eu sabia do Rodrigo.

CABRITA

Como assim?

NAVARRO

Foi uma jogada do advogado deles para intimidar.

CABRITA

Não sei, não... É melhor não brincares com o
fogo.

(para Matilde)

Tu o que é que pensas disto?



MATILDE

Penso que não vai acontecer nada. Mas não é o meu filho.

NAVARRO

É bluff.

Ficam os três calados. O batelão aproxima-se da outra margem. Eles regressam ao carro.

71 EXT. PRAIA DA MACANETA - DIA

A praia deserta, o mar calmo.

Cabrita, em calções, munido de um balde, e Matilde, também em fato de banho, aproximam-se da orla da maré baixa.

Ainda ao cimo da arriba Navarro vem com o Pai, de braço dado. Navarro tira um chapéu do bolso, que coloca na cabeça do Pai.

NAVARRO

A falta que nos fazia o nosso mar, Pai. Foste tu quem me trouxe aqui pela primeira vez...

Na areia junto ao mar, Cabrita e Matilde apanham amêijoas para o balde.

CABRITA

Não sei o que pensar, sinceramente... O Navarro é casmurro...

MATILDE

Diz-mo a mim... Mas não te preocupes pelo Rodrigo....
E pisca-lhe o olho.

CABRITA
(sorrindo)

Tu piscaste-me o olho?...

MATILDE

Pisquei. Mas foi só para te sossegar quanto ao Rodrigo...

Cabrita faz um semblante de incompreensão. Ela sorri, confiante.

Continuam a apanhar amêijoas.

Um pouco afastados, Navarro e o PAI sentam-se no areal.



PAI

(pausadamente, quase soletrando)
Tudo começa e acaba, menos o som do mar...

Navarro olha para ele com espanto. O Pai nada mais diz, de olhos fixos no horizonte. Navarro levanta-se.

NAVARRO

Vou dar um mergulho!...

Começa a despir-se, até ficar em cuecas. Navarro corre para o mar e mergulha nas águas do Índico.

72 EXT. CASA NA MACANETA - DIA

Sob o telheiro nas traseiras da casa, Navarro está deitado numa espreguiçadeira.

Cabrita está sentado à mesa, rodeado de papéis, e escreve no laptop. Em cima da mesa, já estão empilhados pratos, copos e talheres.

CABRITA

Sabes que dia é hoje?

Navarro tem um leve sobressalto, olha para ele.

NAVARRO

Que dia é hoje?

CABRITA

Faz anos que morreu o Samora...

NAVARRO

É boa, passou-me...

CABRITA

Se eu fosse jornalista, a pergunta que se impunha fazer à classe dirigente era: onde é que você estava no dia em que morreu o Samora?

NAVARRO

Porquê? Qual é o ponto?

CABRITA

Foi em 86 que vocês acordaram do sonho colectivo para o trauma...



NAVARRO

O país continuava em guerra...

CABRITA

Na Independência, ficaram no país 8 arquitectos, 15 engenheiros, uma vintena de médicos, 12 chefes-de-obras, e 30 professores qualificados... E havia 90% de analfabetismo... num país com 20 cidades e 20 milhões de habitantes... E, não há gajo da tua geração que não diga o mesmo: que vocês todos, sem excepção, acreditavam piamente, que em dez anos o país daria o salto para o desenvolvimento...

NAVARRO

Durou uns aninhos a livrarmo-nos do dogmatismo...

CABRITA

E quando é que foi isso?

NAVARRO

Começou mais rápido do que julgas. Uma vez disseram-me para fazer um documentário de uma cerimónia oficial que não tinha acontecido. Foi aí, que comecei a descrer... Ninguém tinha os pés assentes na terra...

Matilde aproxima-se com o tacho das amêijoas.

MATILDE

E sabem que mais?... O jantar está pronto e vocês não mexeram uma palha!

CABRITA

Eu lavo a loiça!...

MATILDE

Navarro, vai buscar o teu pai, antes que ele comece a tocar na pianola!

73 EXT. CASA NA MACANETA E PRAIA - MADRUGADA

A primeira e indistinta luz do dia. O Pai de Navarro sai da casa, de pijama, de madrugada.

Atraído pelo som dos pássaros avança trôpego pelo jardim, parando para olhar o cimo das árvores.



O jardim é semi-selvagem, com aloés, moitas, árvores e flores silvestres. O Pai atravessa-o em direcção à arriba que faz fronteira com o areal. Ao fundo ouve-se o fragor do mar.

Um vulto, ao cimo da arriba, olha para o Pai de Navarro. É RODRIGO, o filho de Navarro, 25 anos, esguio, cabelo despenteado, com uma camisola rota e as calças presas por um fio. Aproximam-se um do outro.

PAI

És tu, Rodrigo?

RODRIGO

Sim, avô...

PAI

Eu ainda não morri?

RODRIGO

Esqueça lá a morte, avô. Estamos bem vivos.

Abraçam-se.

CUT TO:

74 EXT. SCALA, ENTRADA - DIA

Anos 60

Na fachada do Scala, o cartaz do filme "Blow up".

Um leopardo de pequeno porte, ainda com uma corda ao pescoço, como se tivesse sido enforcado, é transportado em braços por dois homens de bata do Museu de História Natural para uma carrinha.

Um pequeno ajuntamento e burburinho à entrada do Scala. Uma mulher MACONDE, 30 anos, com os dentes incisivos cortados em V, e a cara com tatuagens, é interrogada por dois polícias.

Um pouco afastados, no passeio, estão Cansado Gonçalves, António e Craveirinha.

CANSADO GONÇALVES

Isto dava enredo para um filme do Billy Wilder. A maconde, o projeccionista e o leopardo...

CRAVEIRINHA

Triângulo fatal, com um bicho empalhado no fim...

ANTÓNIO

Coitado do bicho... Estava preso, pensava que ia encontrar a liberdade, saltou e enforcou-se.



CRAVEIRINHA

Paradigmático!...

Risos. Craveirinha repara que JOÃO, com ar enfiado, sai nesse momento do cinema.

João vê-os e baixa o olhar, inflecte o percurso para não se cruzar com eles. Mas Craveirinha chama-o:

CRAVEIRINHA (CONT'D)
(divertido)

João!...

João pára, e olha-o por cima do ombro. Craveirinha decide ir ter com ele.

CRAVEIRINHA (CONT'D)

Já não se fala?

João hesita em falar.

CRAVEIRINHA (CONT'D)
(encoraja-o)

Então?

João, que enverga uma t-shirt e calças com bolsos laterais, saca de um destes uma caneta Parker.

JOÃO

Andava com isto há dias para lhe dar.
E estende-lhe a caneta de tinta permanente.

CRAVEIRINHA

A que propósito?...

JOÃO

É mesmo para si... O meu pai ganhou-a no
concurso de dança de salão no Clube Ferroviário
e deu-ma. E eu pensei logo em si...

Craveirinha pega na caneta.

CRAVEIRINHA

Eh pá, muito obrigado... sinto-me lisonjeado...

JOÃO

Se tivesse uma pena dava ao Camões, como é
uma Parker...

CRAVEIRINHA

É muito bonita, vou guardá-la com carinho... É de
fazer inveja ao Camões!



Craveirinha repara que João se contorce, aflitivamente.

CRAVEIRINHA (CONT'D)

O que se passa? Estás com o bicho carpinteiro?

JOÃO

Eu acho que sei o que é... Dá cá uma comichão!

CRAVEIRINHA

(sorrindo)

Não me digas... Apanhas-te chatos?

JOÃO

(acenando com a cabeça)

Estou bem tramado.

CRAVEIRINHA

Pois estás, ainda te cai a pila!

JOÃO

Não tem graça nenhuma. Eu juro que nunca mais vou às putas!

CRAVEIRINHA

(ainda com a Parker na mão)

Fazes bem. A venérea não é um atributo de Vénus, é uma grande chatice. O melhor do amor é o que se conquista, não o que se compra...

Craveirinha tira carteira do bolso do casaco e uma nota.

CRAVEIRINHA (CONT'D)

Vais à farmácia e compras um pó para os parasitas... eles dizem-te qual é...

João não pega no dinheiro.

CRAVEIRINHA (CONT'D)

Vai-te ver livre disso!

JOÃO

O Craveirinha não se importava de ir lá por mim?...

Craveirinha ri-se. Depois põe o braço por cima do ombro do João.

CRAVEIRINHA

Vamos lá os dois...



CUT TO:

75 EXT. CASA NA MACANETA - DIA

Depois da refeição, Navarro, Matilde e Cabrita ainda à mesa, diante das espinhas do peixe e ainda com um resto de vinho branco nos copos.

O Pai, um pouco afastado, está sentado num banco corrido encostado à parede sob o telheiro.

O filho de Navarro, RODRIGO, traz o teclado eléctrico cá para fora e coloca-o diante do avô.

NAVARRO

Quem diria que esteve sempre aqui, na Macaneta.

Matilde acende um cigarro com um sorriso.

MATILDE

Navarro, que sabes tu do teu filho?...

NAVARRO

Muito pouco, na verdade.

MATILDE

(para Cabrita)

Cabrita, conheces a história do Alexandre O'Neill e do pai?

Cabrita, com o copo na mão, assente com a cabeça e um sorriso.

CABRITA

A birra do guarda-chuva...

(para Navarro)

E a carta anónima?

NAVARRO

Foi o Muianga a deitar barro à parede a ver se pegava. Esse assunto do Scala ainda não está arrumado...

Começam a ouvir-se uns acordes na pianola eléctrica.

Rodrigo olha para eles, o Pai de Navarro toca um fraseado no teclado. Depois recomeça, tentando acertar com a melodia.

CABRITA



É o que eu estou a pensar?

NAVARRO

É o Je t'aime, do Serge Gainsbourg. Está quase lá.

CABRITA

Mas essa música é do nosso tempo, não do dele.

MATILDE

É de todos os tempos, pelos vistos...

RODRIGO

(pondo o dedo em riste à frente dos lábios)
Shiu!...

O Pai de Navarro toca com maior fluência, com ar sonhador, o "Je T'aime, Moi non Plus"...

76 EXT. SCALA, ENTRADA - DIA

Navarro entra no Scala. Valentim está sentado numa cadeira no hall de entrada, entretido na leitura de um livro.

Como sempre, não vê o patrão.

Navarro pára e olha-o em silêncio e com um sorriso. Repara então no livro que Valentim lê, tem uma capa já amarelecida com uma banda desenhada do pato Donald. É o "Livro vermelho" que Cansado Gonçalves lhe dera muitos anos antes.

NAVARRO

Valentim...

Valentim ergue o olhar do livro e sorri-lhe.

VALENTIM

Bom dia, senhor Navarro.

NAVARRO

Onde é que estava esse livro?

VALENTIM

Naquela arca, já deixei no escritório e pedi o livro emprestado...



NAVARRO

Pediste a quem?

(e logo, sem o deixar responder)

Deixa lá... O que é que se aprende com esse livro?

VALENTIM

(com ar matreiro, lê do livro:)

"A revolução não é um convite para um jantar, é um ato de violência pela qual uma classe derruba a outra"...

NAVARRO

Falta o resto que não está aí: uma revolução nunca mais acaba...

VALENTIM

Sim, patrão...

77 INT. CAFÉ CONTINENTAL - DIA

Anos 60.

Craveirinha está sentado sozinho no Café Continental. Uma bica já bebida, o maço de tabaco, um cigarro que arde no cinzeiro.

Craveirinha escreve, com a Parker dada por João Navarro. Rasura, é um poema, numa folha comercial.

78 EXT. CAFÉ CONTINENTAL - DIA

Um descapotável estaciona diante do Continental. No interior, Castelar e Carol.

CASTELAR

Eu vou à companhia de navegação e apanho-te à volta...

Beijam-se. Ela sai e contorna o carro.

79 INT. CAFÉ CONTINENTAL - DIA

Craveirinha escreve ainda.



Sente uns passos que se aproximam, e uma silhueta feminina que se perfila à sua frente. Craveirinha não levanta ainda o olhar. Escreve ao fundo da folha 'Para Carol', põe a data e assina.

Só então levanta o olhar para Carol, de gravidez avançada, que o olha com um sorriso meigo.

Ele levanta-se e acomoda a cadeira em frente para ela se sentar. Depois retoma o seu lugar e empurra o papel para Carol.

CRAVEIRINHA

É para ti.

CAROL

És muito gentil. Vais-me ler?
E devolve-lha a folha.

CRAVEIRINHA

(sem consultar a folha)

*Acreditava naquela história
do homem que nunca chora
eu julgava-me um homem.
Na adolescência
meus filmes de aventuras
punham-me muito longe de ser cobarde.
Na arrogante crâncice do herói de ferro.
Agora tremo.
E agora choro
como um homem treme.
Como chora um homem!*

CAROL

Que dramático, não me faças tu chorar!

Carol, com emoção, tira-lhe a folha e dobra-a em quatro, e mete-a na sua bolsinha.

CRAVEIRINHA

Estás esplêndida, vou-te recordar sempre
assim...

CAROL

Vai nascer em Portugal.

CRAVEIRINHA

Já sei, tudo se sabe nesta terra...
(mudando de registo)
Tenho outra coisa para ti.

E pega num embrulho que está na cadeira ao lado. Poisa-o na mesa. Carol fica intrigada.





CRAVEIRINHA (CONT'D)

São fraldas... A vida é isto. Fraldas para bebés,
fraldas para os velhos, fraldas para os deserdados
do amor...

CAROL

(não muito agradada)

Eu agora vou levar fraldas no navio?...

CRAVEIRINHA

(sorrindo)

A verdade é anónima, só o erro é pessoal...

CAROL

Bom, já vi que a conversa não vai acabar bem...
Sendo assim, despeço-me já!

Craveirinha rompe um pedaço do embrulho com o dedo.

CRAVEIRINHA

Vais precisar, é uma camisola de malha... Quero
que sejas muito feliz, muito mesmo, ainda que
seja com o Água do Castelo...

Riem ambos, com emoção.

CAROL

E tu tem cuidado... Há quem não goste de ti...

CRAVEIRINHA

Nada dura, nem mesmo uma dita... dura.

80 INT. CARRO DE NAVARRO - FIM DE DIA

Navarro ao volante do carro no trânsito. Pára num cruzamento.

Leva a mão ao bolso da camisa e retira o cartão que lhe dera a Madame Wang com a morada de Carol.

Resolve fazer inversão de marcha.

81 EXT./INT. APARTAMENTO DE CAROL - NOITE

Navarro entra num complexo de apartamentos, com 4 andares, muito degradado. Dirige-se ao elevador, que está avariado. Ainda que a contragosto, decide subir.



As escadas são exteriores, com patamares com vista para aquele pedaço de cidade. Pára no 2º andar, para descansar e olhar o horizonte.

Um HOMEM NEGRO, nos seus trinta anos, desce as escadas apressado e passa por ele sem qualquer cumprimento. Navarro retoma a subida.

No quarto andar, há um varandim com acesso aos vários apartamentos. Navarro espreita através dos vidros de uma janela.

Vislumbra, no espaço entre dois sofás, um corpo caído. É Carol.

Dirige-se à porta, fechada. Ganha balanço e mete-lhe o ombro. A porta cede à segunda investida.

Navarro cai. Soergue-se e aproxima-se de Carol. Tem a cara com um grande hematoma, o vestido rasgado, com sangue.

NAVARRO

Cheguei tarde demais, tarde demais...

CAROL

Navarro... Estou morta...

NAVARRO

(amparando-a)

Quieta... Vou chamar uma ambulância. Vais ficar boa. E vamos dar cabo desse canalha.

Pega no telemóvel e marca um número.

CAROL

Nunca soube escolher homem, Navarro... Só o Craveirinha mesmo...

82 EXT. SCALA, FACHADA - NOITE

Na fachada do Scala vemos o cartaz do filme em estreia: "Coração e Lume".

À entrada, de fato de gala e laço, está Valentim. Não se vê mais ninguém.

83 INT. SCALA, SALA DE CINEMA - NOITE

A sala está meio vazia, à volta de cinquenta pessoas.

Reconhecemos algumas personagens, dos anos 60 e do presente.



Navarro entra quando se apagam as luzes, e ocupa uma cadeira, isolado, junto ao corredor central. Ninguém parece dar por ele.

No escuro, identificamos numa das primeiras filas o jovem João Navarro.

Um feixe de luz inunda o écran. Surge o título do filme: "CORAÇÃO E LUME".

O jovem João, de calções e t-shirt, levanta-se, pede licença, e sai apressado pelo corredor. Navarro vê-o passar.

84 INT. SCALA, LAVABOS - NOITE

O jovem Navarro entra apressado nos lavabos e dirige-se a uma das retretes, debruça-se e vomita.

Depois dirige-se ao lavatório e molha a cara. Olha-se ao espelho e é acometido por outro vômito. Mete os dedos na boca e tira de lá um fotograma: um pedaço de película com uma imagem. Lava-o e depois examina-o.

Navarro entra nos lavabos e aproxima-se. Olham-se, primeiro através do espelho, depois encaram-se. João estende o fotograma a Navarro.

JOÃO

Ainda te recordas deste beijo?

Navarro aceita o fotograma e vai examiná-lo à luz. É um beijo de Richard Burton e Elizabeth Taylor.

NAVARRO

Lembro bem, foi o meu primeiro amor...

FIM